

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A EXCURSAO PROMOVIDA PELO "DIARIO DE LISBOA"

"VISTAS DE PORTUGAL"

Minhas senhoras, meus senhores!

Viajar entre Lisboa e Madrid não é um prazer inútil, uma distração ociosa, se ao mesmo tempo que os nossos olhos vão descobrindo a paisagem, numa variação infinita de horizontes que se encurtam ou alargam por cada curva de estrada ou por cada cortina de bruma, nós interrogamos as coisas que o homem dominou e cultivou —pondo aqui uma casa, além uma arvore, depois uma torre e uma igreja e, lá no alto, a vigiar a extensão, as ameias dum castelo que, a contar os anos de paz, perdeu as suas pedras, os seus altos muros e a sua lenda de pugnas mcuriscas.

Lisboa vê a sua imagem nas aguas limpidas e profundas do seu rio—esse aventureiro Tejo que atravessa a Espanha, cada vez mais largo e mais bravo, roçando-se pelos granitos e basaltos do seu longo curso, arrastando consigo areias de ouro e demandando o mar, na ansia insofrida de ser maior que o seu berço e a terra macia ou dura que o embaleou.

Madrid, fóra dos roteiros oceanicos e dos rumos das raças nómadas, assenta num soberbo planalto, graças a um pensamento politico que tomou corpo no dia em que se tornou necessario firmar o poderio de Castela, com um real fecho de abobada: a Espanha, diferente e diversa, a mirar-se em varios mares e a procurar no céu as estrelas da sua invocação particular, fundiu-se na sua rude unidade, como uma amalgama de metais dificeis de trabalhar e de modelar.

As duas capitais—uma filha do instinto e da ciencia dos marinheiros e a outra da espada do conquistador e da sagacidade despótica—ficaram para sempre alheias e apartadas pelos seus respectivos destinos: para a primeira, as crônicas navais, o trafico da canela e da pimenta, o valor heroico de criar imperios em todas as latitudes e provar naufragios, á beira do ciclopico promontorios; para a segunda, a vontade de mandar e subjugar prendendo com mão de ferro os povos e encantando-os com a pompa romanesca e cavalheiresca do amor, da valentia e da morte, na exaltação da fé religiosa.

Lisboa, imprimindo a Portugal a forma e a orientação da sua historia, foi num dado momento a revelação atlantica do mundo.

Madrid, recebendo da Epanha, sujeita a um só céetro, a razão da sua existencia e o sentimento da sua grandeza, constituiu-se ao mesmo tempo cupula dum edificio e expressão vigorosa e animada dum panorama multi-forme.

Em suma: Lisboa ficou democrática,

foi o tema da conferencia que o dr. Joaquim Manso realizou no Circulo de Belas Artes de Madrid

pela sua plebe e Madrid aristocrática, pela sua corte.

O illustre Salvador de Madariaga, um capitulo notavel do seu livro *Spain*, diz que os portugueses são hispanos de costas contra Castela e olhos postos no mar. Lisboa é a imagem viva, ardente e passional desta posição que deriva do terreno sobre que se ergueu e duma intenção épica e lirica que se fez luz, nas paginas dos «Lusiadas» e no cancioneiro popular. Contra Castela,—para escapar á obscuração imperialista.

Voltada para o Atlantico—para firmar, na imenidade dos arquipelagos e dos continentes, a corteza indestrutivel da sua obra civilizadora.

Absolutamente fieis á terra em que nascemos, ligados pela alma e pelo corpo ao estatuto da nossa independencia, aspirando cada vez mais a recolher no nosso lar permanente e inconundivel as lições e os exemplos dos estranhos que nos pareçam dignos de respeito, nós os portugueses já não conservamos a attitudo rigida e desconfiada dos tempos passados, pois é evidente a simpatia carinhosa que se manifesta, entre nós, por tudo o que na Espanha traduz um exito ou uma conquista.

Neste momento, posso garanti-lo, Portugal está atento para leste, observando com febril attenção, com um desejo que se não esconde, o palpitir das modernas interrogações—a democracia, com uma barragem atraz dos seus passos para impedir recuos e uma perspectiva ampla, ilimitada, para o renascer de D. Quixote—quimera do ideal e da justiça.

Não ha estatua cujo pedestal não oscille, montanha que se não desloque, embora insensivelmente, rio cujo leito não acuse modificações, no seu traçado: se isto assim é na natureza e na arte, porque havemos nós, portugueses e espanhóis, teimar em nos ignorarmos, caricaturando-nos e desfigurando-nos, quando muito teriamos a ganhar, caso nos entendessemos francamente—com a razão, o coração e o interesse?

Salvador de Madariaga considera tambem Portugal uma Normandia, com mais sol e mais sul que a da França. A comparação tem muito de verdadeira, se atendermos a que dos portos do meu país se desprenderam, num rasgo de intuição e audacia, as arma-

das que violaram os segredos do Oceano, prolongando por toda a costa africana, até o Brasil, a India, a China e a Malasia, o renascimento da Grecia e da Roma—mostras inegualaveis do pensamento que capta o universo e da disciplina que desbarbariza as gentes.

Existe, porém, uma diferença: os normandos eram a aparição malefica do pirata que desembarcava, saqueava, projectava a sombra da lança de Sigurd, no terror das populações lividas e submissas, ao passo que os navegadores lusitanos, posto que algumas vezes cruéis, principalmente na hora das represalias, sabiam resgatar a violencia com nobres acções—duma humanidade perfeita.

Nas muitas classificações que correm sobre os caracteres dos povos, não se encontra uma em que se inclua exactamente Portugal, talvez pelo facto de os viajantes e os psicologos terem estudado de preferencia os seus aspectos superficiais, considerando o principal como accessorio e vice-versa. Quem nos encarar sob o prisma exclusivo—quer da acção, quer do pensamento ou da paixão, aproximando-nos, comparando-nos com outros exemplares—ingleses, franceses ou espanhóis—breve reconhecerá que nós não cabemos em qualquer dos indices consagrados a tão interessante materia.

Goethe dizia:

—Queres viver satisfeito? Leva contigo dois sacos—um para dar esmolas, outro para encher de dinheiro. Serás como os príncipes que, ao mesmo tempo, roubam e gratificam os seus subditos.

O autor do *Fausto*, se visitasse a minha Patria e lhe dedicasse a attenção bastante para a julgar pela sua verdade e não pelas apparencias, faria o seguinte aforismo:

—Queres viver satisfeito? Faze como os portugueses que trazem consigo dois sacos—num guardam o bem que fizeram e noutro o mal que padeceram.

Para o bem que fizemos, possuímos um livro unico, mas escrito de maneira que, quanto mais velho se torna tanto mais claro se lê—os *Lusiadas*, de Camões. Dos males que padecemos, não vale a pena falar, porque, apesar das versões e as historias que os contam serem muitas, o melhor é esquecer para somente nos lembrarmos, quando a alegria fôr como as lampa-

das no santuario—a piedade nocturna dos homens, perante o misterio eterno de Deus.

D. Quixote, que se bateu contra a sua imaginação delirante, nunca foi um pessimista: as suas ilusões multiplicavam-se, escarnecendo-o, mas a adversidade não lhe diminuiu jamais o seu jubilo.

Sorria á propria morte e para além da morte.

Eis a sabedoria, a moral dos puros, a disciplina da honra e do dever, seja qual seja a cavalaria em que nos alístarmos!

A Espanha, admiravel escola de pro-vações e de successos notaveis, luz da Europa nalguns seculos e maravilha constante pela veia inexgotavel do seu genio, que vai do sublime ao picaresco, do ser ou não-ser, á semelhança do heroi cervantino, resiste á desventura, pois não se deixa abater por ela, mas antes cobra forças e ar-der para poder gritar, como Esquillo. —Ninguém me vence, senão a fadiga e essa não a conheço.

A Espanha, devida á fecundidade do seu estro, não se esgota numa experiencia ou atrevimento, gaingando as distancias, deslumbrada, á busca da ultima façanha, que nunca atinge, visto que inventa novos motivos para alimentar a sua sede de aventuras, o seu gosto pela beleza que, como sabemos, passa por todos os espelhos, sem ficar em nenhum, e, sendo de todos os artistas, não ha mão que a cativa.

Quem casará defini-la, de forma que nós vejamos, numa formula lapidar, a limpidez da sua alma? A paixão é realmentet o sopro que lhe aquece a sensibilidade, no meio dia estival da eloquencia, da bravura, dos sentidos e do misticismo. Mas aquem e além da paixão, quantas Espanhas não ha ainda por descobrir!

Portugal, menor em territorio peninsular que o seu vizinho, mas maior, muito maior em mar e ultramar—somos ainda a terceira potencia colonial—parece feito de traços, de fragmentos dispersos, de vida repartida em notas desharmonicas.

—Onde está a sua personalidade? Que retrato nos restituirá a sua fisionomia?

Não nos iludamos: os portugueses, mesmo quando não se entendem, permanecem fieis aos signos da sua raça—exageram o gesto, mas desviam o coração do tumulto e da discordia. Os seus odios não duram, as suas tempestades resolvem-se em chuva que fertiliza os campos.

Eça de Queiroz, ironista em Portugal e português sem mancha no es-

(Ver continuação na 6.ª pagina)

Espectáculos

Hortense Luz

Por notícias enviadas ao «Diário de Lisboa» sabemos que em virtude do atrazo em que estão as obras do novo teatro de Luanda, a companhia Hortense Luz está realizando uma série de espectáculos na cidade da Beira, com grande sucesso, encontrando-se todos os seus elementos de perfeita saúde, com excepção dos artistas Cesária Henriques e Eugénio Salvador, que ficaram doentes em Lourenço Marques, sem gravidade. As mesmas notícias informam que a companhia embarcará brevemente na Beira, a bordo do vapor «Mousinho» de modo a chegar a Luanda nos primeiros dias do próximo mês, afim de inaugurar o teatro desta cidade.

Lina Demoel

Terminou ontem a sua temporada, no Capitólio, a brilhante estrela Lina Demoel que, naquele teatro, marcou mais uma vez as suas qualidades de artista invulgar, numa série de numeros uns de pitoresco popular, outros de sumptuosa elegância, que o publico obrigava a trisar, premiando assim o seu magnifico trabalho.

Certamente, em breve, veremos Lina de Demoel uma das nossas artistas de revista de maior publico, ingressar noutra companhia, alcançando novos triunfos para a sua carreira.

"Vamos ao Vira!"

A empresa da Avenida resolveu apresentar a revista «Vamos ao Vira!», desde hoje, para que todos a possam ver e aplaudir, a preços populares, tendo-lhe a companhia Eva Stachino, além de todos os atractivos que já possuía, introduzido o novo quadro da comedia «Cartas para três», que vai ser desempenhado pelos aplaudidos artistas Maria Sampaio, Vasco San'Ana e Santos Carvalho, mantendo-se no resto do desempenho o mesmo elenco artistico, á frente do qual figura o actor José Alves da Cunha.

"O deitar da noiva"

Com a comedia «O deitar da noiva» voltou ao Ginasio, com todas as suas belas tradições de templo da gargalhada, o seu belo publico alegre, divertido; todas as pessoas despidas de ridiculos preconceitos. E' que «O deitar da noiva», principalmente na parte que refere ao trabalho de Ester Leão, Abilio Alves, Sofia Santos, Antonio Palma, Albertina de Oliveira, Carlos de Oliveira e Antonio de Sousa é de desopilar o doente mais neurasténico.

A revista do Variedades

«O Mexilhão», a engraçada revista que se representa todas as noites no teatro Maria Vitoria, tem a caracterizá-la o bom gosto dos cenários, o luxo da guarda-roupa, o grande trabalho de Francis com as suas «girls», a graça que acompanha toda a peça e ainda, como factor não menos importante, a interpretação cuidada de toda a companhia, onde figuram alguns dos melhores nomes do nosso teatro musicado.

Atrás do reposteiro

Foi fixada para a proxima terça-feira, 17, no Trindade, a estreia da nova peça da Companhia Lucília Simões, «O Quarto 222», comedia americana, que vai substituir a «Boa Sorte», que apenas se representa até á proxima segunda-feira.

O illustre actor Chaby Pinheiro continua melhorando dos seus incomodos, assim como sua esposa, a distinta actriz D. Jesuina de Chaby.

São duas as comissões que se organizaram para a festa de homenagem que vai ser prestada ao actor Alves da Cunha, uma para o espectáculo da 1.ª sessão e outra para o da 2.ª, inteiramente diversos os dois.

Continua marcada para o dia 20 do corrente a estreia pela «União Artistica», no Apolo, em duas sessões, espectáculos populares, da revista «Terra Nova», a cuja interessante montagem se está trabalhando já.

Ficou sem efeito um grande negocio teatral de ha muito anunciado para se realizar á ora de Lisboa com uma das nossas melhores companhias.

O escritor teatral Lourenço Rodrigues está organizando a capitalização de uma empresa organizando a capitalização de uma empresa tendo já, ao que consta, com uma soma elevadíssima.

O «salto da morte», executado no Coliseu pelo intrepido artista Vabanque é uma formidável demonstração de arrojo.

Maria das Neves alcança todas as noites um justificado triumpho com os numeros a seu cargo na grande revista «A Nau Cetrineta» em cena com grande exito no teatro Maria Vitoria.

Galo d'Ouro Antigo Alhambra
HOJE E TODAS AS NOITES — Parqua Mayer —
Espectaculo de variedades
G. PORTAL—atrante e insinuante bailarina belga
DUO KIMONO—incomparáveis artistas japoneses que cantam, dançam e tocam as típicas canções danças e musicas do Oriente!
Frequencia reservada.

INQUERITO CONSULAR

Mercado externo

A Direcção Geral dos Negocios Comerciais expediu, em 1929, aos nossos consules e vice-consules um questionario, articulando, em perguntas concretas, toda a materia de informação necessaria para orientação da economia portuguesa de importação e exportação.

As respostas a estas perguntas são essencialmente as premissas donde com segurança se podem tirar as conclusões, no sentido duma orientação benéfica.

Assentam elas principalmente em dados estatísticos, sabido como está que os numeros são o mais decisivo argumento em materia economica, acompanhados de informações elucidativas sobre a organização industrial, comercial, alandegaria, financeira, de transportes, de contribuições, de processos mercantis, de sistemas de propaganda, de toda a rede emfim de elementos contributivos para a definição sumaria dos algarismos que a estatística indica.

Desta forma, obtido um conjunto de respostas ao inquerito consular, torna-se possível descortinar com nitidez os pontos fracos da nossa economia, nas suas relações internacionais e conhecer a forma de aplicar o remedio respectivo.

As estatísticas são, neste caso, termómetros por onde se pode com segurança ajuizar do grau de temperatura em que se encontra o organismo mercantil, e tanto mais indispensaveis quanto é certo que os povos estão atravessando uma crise morbida e febril.

* * *

O inquerito consular, anterior a este, feito com o mesmo proposito, foi realizado em 1919. Isto é, passaram dez longos anos sem termos informação official da situação dos mercados estrangeiros em relação aos produtos que exportamos e importamos.

Não é aceitavel este desleixo. Os inqueritos economicos em países estrangeiros, realizados por entidades officiais e por isso idoneas e arredadas de qualquer suspeita de interesse no desvirtuamento da verdade, são indices que orientam, não só os estadistas, mas também os comerciantes, industriais e até agricultores, no caminho a seguir para a legitima eficiencia do seu negocio.

Muitas das indicações contidas nestes inqueritos são verdadeiramente preciosas. Por eles ficamos sabendo as razões por que alguns generos tiveram baixa ou alta de cotação, quais os países que entraram em concorrência, quais as preferencias nos mercados, quais as percentagens que neles representa o concurso dos nossos artigos, e todas estas condições constituem o mais seguro

elemento para que os governos possam negociar com vantagem reciproca tratados de comercio e para que os factores particulares da economia nacional possam fazer prosperar os seus ramos de transacções exportadoras e importadoras.

* * *

O actual ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. Fernando Branco, tem orientado a sua alta missão no sentido de valorização economica, e a sua obra, quer no que respeita a tratados de commercio, quer no que respeita ao desenvolvimento turistico, é já brilhantemente notavel.

Conjuga-se com o seu plano patriótico o espirito eminentemente valioso do dr. Francisco Antonio Correia, director geral dos Negocios Comerciais, economista de renome assente numa vasta e notabilissima obra, que tem sabido imprimir aos importantes e complexos serviços a seu cargo a orientação moderna mais consentanea com as vantagens do nosso país no convívio internacional.

De facto, o espirito moderno das chancelarias está obedecendo fundamentalmente ao criterio economico, sabido, como dizia Spencer, que o pão é a primeira pedra indispensavel ao edificio da felicidade humana.

Muitos países transformaram já a indole das suas legações, que dantes significavam apenas, numa engrenagem de banquetes e visitas protocolares, as soberanias politicas dos seus representantes, em sedes de representação economica, reforçando assim e engrandecendo a missão que muitos outros restringem ainda aos seus consulados e Camaras de Comercio.

E' que o espirito da epoca assola democraticamente, em maré de mercantilismo, toda a aspiração dos povos modernos, os quais pretendem com razão encontrar na prosperidade economica o unico dique contra que se possam quebrar e desfazer em espuma os vagalhões assustadores da miséria revoltada.

Só do equilibrio nas indispensaveis regalias materiais poderá resultar aquele nivel de ordem social que, no dizer de Stuart Mill, é tão indispensavel á organização das sociedades como o nivel dos mares á existencia dos continentes.

D. ALBERTO BRAMÃO

Hotel do Parque Estoril
Conforto moderno. Esmerado serviço de cozinha, recentemente remodelado. Diarias desde 40 escudos.

CORBEILLES, RAMOS DE NOIVA
Malas, Carteiras e Artigos de Novidade
PARIS-CHIADO
RUA GARRETT, 64
Telefone 2 6068
FLORES NATURAIS LISBOA
(CULTURAS DO FLORISTA LOPES)

Sempre no
POLITEAMA
o filme de LEITÃO DE BARROS
A SEVERA

Preços 50 0/0 mais baratos que nos grandes cinemas
Hoje, ás 21,15 — Amanhã, ás 15, ás 17,30 e 21,15 horas

TRINDADE HOJE E AMÃ
2.ª FEIRA, 16
Ultimas representações
pela Comp. Lucília Simões
da desopilante e sensacional comedia
BOA SORTE

Terça-feira, 17
Estreia da comedia americana, em 3 actos
O QUARTO 222
COLOSSAL EXITO DE GARGALHADA

GIMNASIO Companhia Ester Leão
A's 9 1/2 h. as
Rir a fartar
Horas de riso!
Grande exito!
O deitar da noiva
Bela comedia
"PALAIS ROYAL"
Grande alegria!
Protagonistas: Ester Leão e Abilio Alves

Beneficencia

A Misericórdia de Cascais

Na sua ultima reunião a mesa administrativa da Misericórdia de Cascais tomou conhecimento da que, conforme o legado do benemerito sr. Francisco Marques Leal Pancada, foram vestidos e calçados 24 pobres.

Também a mesa ficou inteirada de que o sr. Governador Civil do Distrito contemplou esta Misericórdia com o importante subsídio de doze mil escudos continuando assim a auxiliar generosamente a manutenção do hospital.

O movimento hospitalar durante o mês de outubro foi o seguinte: existiam no dia 1, 35 doentes; entraram durante o mês, 40; saíram com alta 35, faleceu 1 e ficaram existindo no dia 31, 39.

No banco deram-se 309 consultas foram feitos 435 tratamentos e 69 vacinações.

As operações cirurgicas feitas pelo sr. dr. Luis Quintela foram em numero de 16, tendo havido uma transfusão de sangue.

No posto antisifilitico fizeram-se 68 tratamentos.

Os donativos recebidos durante o mês foram os que seguem: Esc. 500\$00 do sr. dr. José Gabriel Pinto Coelho; Esc. 10\$00 da sr.ª D. Sebastiana Roquette; Esc. 50\$00, do sr. Jaime Seguro; Esc. 40\$00 do sr. Pedro Franco; Esc. 10\$00 do sr. Pedro de Campos Meneses; Esc. 100\$00 da Junta de Freguesia de Carvalhos; Esc. 100\$00 do sr. Luiz Gubert; Esc. 250\$00 dos srs. Duques de Palmela; Esc. 50\$00 do sr. Manuel Pereira Dias; Esc. 100\$00 dos srs. Condes de Murça; Esc. 50\$00 do sr. Luis Barreiros Lopes; Esc. 50\$00 das sr.ªs D. Maria Gabriela de Sousa e Silva; Esc. 50\$00 das sr.ªs Condessa do Sabugosa; Esc. 50\$00 da sr.ª D. Fernanda Pancada Formigal; Esc. 100\$00 do anonimo M. P.; Esc. 200\$00 do sr. Ernesto Santos Bastos e Esc. 25\$00 da sr.ª D. Mariana Pereira de Castello Branco.

A todos estes benfeitores a mesa dirige os seus agradecimentos.

NO COLISEU

Um programa de circo emocionante e alegre

A grandiosa «matinée» de amanhã

Não ha mais do que uma opinião a respeito da Grande Companhia de Circo cujos espectaculos, no Coliseu, estão dando uma nota de verdadeira sensação. Toda a gente reconhece que poucas vezes se tem apreciado entre nós—e o mesmo acontece nos circos lá de fora—um tão completo e tão soberbo conjunto de numeros como os que constituem esta companhia. Ha nelas atracções unicas no mundo, que provocam estupefacção e entusiasmo, e numeros do maior valor atractivo, sendo todo o programa cheio de razões para que o publico, no im do espectáculo, esteja manifestamente satisfeito. Ha trabalhos estranhos, ha exercicios surpreendentes, ha numeros divertidos, formando tudo isto um conjunto que preenche três horas de espectáculo cheias de emoções e sugestões alegres para os espectadores.

Amanhã ha «matinée» com entrada gratuita para as crianças até dez annos que se apresentarem acompanhadas.

HOTEL MIRAMAR (Monte Estoril)
Esplendida situação
(tele). 10 -- Estoril Cereite: RICARDO ALEN

TEATRO AVENIDA

HOJE — Duas sessões — 8 1/2 e 10 1/2 h.

COMPANHIA EVA STACHINO

A super-revista de grande exito

VAMOS AO VIRA!

ESTREIA
DO QUADRO NOVO
CARTAS PARA TRÊS

PREÇOS POPULARÍSSIMOS

AVISO: A empresa deste teatro, para que todo o publico possa ver este espectáculo, estabelece desde hoje a seguinte tabela de preços:

CAMAROTES { 3.ª ordem 20\$00
2.ª ordem 30\$00
1.ª ordem 40\$00
CADEIRAS { Simples 6\$50
Centrais 8\$50
Orquestra 10\$50

Superior, 2\$50
Galerias, 2\$00

Versos

Do livro «Rimas ao vento»

Do livro «Rimas ao Vento», do dr. José Viana, transcrevemos hoje algumas composições poeticas que justificam plenamente o esplendido acolhimento que o publico lhe fez:

Bordando

Ha pouco quando bordava,
e me dizia um segredo,
picou-lhe a ponta do dedo,
a agulha com que bordava!

E sobre a seda esticada,
tão alva como o luar,
foi levemente poisar
uma gotinha encarnada!

Quasi chorou, pobre flôr,
ao vêr o bordado assim!
Disse-lhe então—Se é p'ra mim
acho que tem mais valor,

não vale a pena chorar!—
Na sala estavam sós—
Disse-me meiga:—E' p'ra nós—
e começou a cõrar.

As andorinhas

Foi-se a ultima andorinha,
a correr vales e montes,
levou minh'alma consigo,
a descobrir horizontes—

Das suas asitas negras,
eis uma pena caída!
A minha capa são asas
levo-te nela escondida.

Quando breve tu vieres,
acabam as penas minhas,
pois contigo hão-de voltar,
as alegres andorinhas—

Elas hão-de vir um dia,
á tardinha, p'lo Sol-pôr...
e nas suas asas negras
voltarás tu, meu amor.

E quando depois partir
a sempre linda andorinha,
deixar-te-á escondida,
na minha capa velhinha.

O garoto

Descalcito, esfarrapado,
louro, de olhos cõr da esp'rança,
e do sol muito queimado,
saltita alegre, a criança!

No descuido dessa idade
em que tudo faz sorrir,
pelas ruas da cidade,
o pregão fazia ouvir...

A sua face rosada,
que, de prazer, lhe sorria,
'stava toda lambuzada
das amoras que comia.

Mas a face que lhe importa!?
se ele só quer alegria—
—O' rica amõra da horta,
e quem quer amora fria!?

JOSÉ VIANA

BELKISS

O MELHOR
PÓ D'ARROZ

PERFUMARIAS COURAÇA
R. San'Ana, á Lapa, 44
(ENVIAM-SE AMOSTRAS GRATIS)

«VISTAS DE PORTUGAL»

Anotavel conferencia

que o sr. dr. Joaquim Manso

fez no Circulo de Belas Artes de Madrid

(Continuação da 1.ª pagina)

trangeiro, escreveu isto, um pouco mais ou menos:

—Os meus compatriotas seriam ferroses, se, passado o minuto de rancôr, não sentissem já a necessidade de abraçar o seu inimigo.

Força e fraqueza, como exige a logica dos sentimentos. Mas o que convem frizar, através da aparente confusão produzida pelas mil faces da realidade portuguesa, é que a mesma energia, o mesmo fluido simpático existe nos animos e no desenho dos perfis. A atmosfera moral do meu país—excepto casos efemeris, de amarga recordação—revela-se nitida, indelevel no que nós denominamos «ar de família». Quem nasceu junto ao Tejo, ao Mondego, ao Douro ou ao Lima, conservará para sempre, no rosto e na indole, o reflexo das suas correntes e a toada das suas fontes.

A Lusitania espalha-se pelo mundo, mistura-se com as nações, nas paragens mais longinquoas, mas o sêlo da sua origem, a brandura e a lembrança das suas saudades circulam-lhe no sangue. E' impossivel fazer dela outra coisa que não seja ela: todas as vezes que doutrinarios ou politicos tentaram apagar-lhe as feições, logo a sua indole reagiu, arrojando de si a máscara reagiu, arrojando de si a máscara.

Pi y Margall, o venerando e notôre agitador do federalismo ibérico, escreveu ao historiador português Oliveira Martins, que navegava nas mesmas aguas, uma carta, até agora inédita, que vou lêr:

Madrid, 3 de mayo de 1877.

Muy sr. mio y estimado correligionario:

Agradezco de todo corazon las benévolas frases que V. dedica a mi libro «Las Nacionalidades» en su carta del 3 de Abril. Tiene V. razon en decir lo difícil que es aplicar en nuestros tiempos a la politica las doctrinas racionales. Lo impiden, no solamente los intereses y las pasiones, sino tambien la ligereza con que abrazan ls ideas aun las personas que por su ilustracion parece que deben haberlas estudiado cuando las profesan.

Hace esa ligereza que al llegar al gobierno, donde han de realizarse, se asustan esos hombres de las mismas ideas que con tanto calor han defendido y se paren ó retrocedan á la primera dificultad que encuentran. Principalmente para exitar esto enlo futuro he escrito mi modesto libro y bajado á tantos pormenores.

Como quiere que sea, todos los que como V. y yo tenemos convicciones arraigadas conviene que no dejemos de predicarlas y popularizarlas, que algo se consigue siempre, y en algo contribuímos al establecimiento de los buenos principios y al progreso de los pueblos. Tengo el gusto de conocer a V. hace tiempo por su «Teoria del Socialismo»; y desde que lei esta obra he tenido en V. uno de los que mas hacen por acercar los pueblos que son verdaderamente hermanos y si algun dia han de unir-se, por la federacion ha de ser, no por la monarquia ni por ningun principio unitario.

Con ansiedad espero el ejemplar que V. me promete de su nuevo libro—«El Helenismo y la Civilizacion cristiana».

No me interesan a mi menos las cuestiones religiosas que las politicas, pues las religiones han influido y influyen aun poderosamente en la marcha de nuestra especie.

Se tengo vida para tanto, no he de morir que no resuma en un libro mis ideas religiosas, como acabo de resumir las politicas en «Las Nacionalidades». Aprovecha esta ocasion para ofrecerse a V. de todas veras su of. S. S. L. S. M. B.

Pi y Margall.

Muitas voltas deu já o mundo, depois que esta carta foi escrita: as esperanças humanas mataram-se umas ás outras. Pi y Margall era uma prestigiosa figura que defendeu o principio federalista, como um Evangelho.

Oliveira Martins acompanhou-o, com o fervor e a dedicacão da sua propaganda. Um dia fraquejou, desiludiu-se, declarando:

—Regresso á tradiçãõ de Aviz, á politica de cooperacão, despida, porém, das esperanças reciprocas de absorcãõ.

O federalismo, dentro das fronteiras da Espanha, ageita-se ainda, no estado de nebulosa.

Em Portugal, é um astro morto.

Aprez-nos a politica de cooperacão a que se refere Oliveira Martins: demos os braços, sejamos vizinhos e irmãos, desde o campo cultural ao economico. A Peninsula, no pleno entendimento dos dois Estados que a compõem, reconquistará a unidade, na variedade. Na nossa época—a da «rebellião das massas»—urge estreitar laços e alargar a compreensãõ das coisas.

Com ideias generosas e sentimentos sinceros, Portugal e Espanha podem ser tudo o que nunca serão, se continuarem a trocar boas palavras, mas evitando os actos decisivos.

Oheto de confiança no futuro, eu termino como Guerra Junqueiro:

—Espanha para nós e Portugal para vós.

Conferencia realizada em Madrid, em 10 de novembro de 1931, pelas 17 e meia horas, no Circulo das Belas Artes, com a assistencia de numeroso publico—português e espanhol.

JAYME PINTO

CHAPEOS DE GRANDE MODA

ULTIMAS NOVIDADES

Rua Aurea, 259, predio todo — Salã de vendas, 1.º

Inquilinato

A discussão do projecto

Continuamos hoje a publicar algumas das opiniões que nos têm sido dirigidas acerca do projecto de lei do sr. ministro da Justiça:

«Sr. Director.—Como o «Diário de Lisboa» escreveu no dia 5 p. p.: «Foi a palavra reservada a todos quantos sobre o assunto se queiram pronunciar, senhores e inquilinos, que pretendam defender os seus pontos de vista e tudo quanto se lhes afigure de justiça».

Venho, por ser a oportunidade o meu ponto de vista e se me afigurar de justiça o que digo, pedir a V. a publicacão do que segue e em que os sublinhados são meus.

Dizendo hoje «O Seculo» depois de ter posto numa columna muitos principios:

«Quere isto dizer que os inquilinos tenham direito a tudo e que os senhores não o tenham a coisa nenhuma? «Não!» o que quero é demonstrar que «nem de um lado nem do outro» pode haver criterios sem fronteiras. Ha duas classes que os proprios interesses collocam em pólos opostos. «O que é indispensavel tornar paralelos esses interesses. Fazer com que não se atropellem. «Esse é o grande papel do legislador. «E' a missãõ de quem quer que se proponha decretar sobre inquilinato».

«Se os senhores espoliados por inquilinos, estes que sejam chamados á ordem, «forçando-os a lei» (qual?) «a pagar» aquilo que os predios ou as casas em que vivam valerem. Se ha inquilinos, para quem os senhores sejam «inexoraveis», que se dê «a vitima» o amparo de que ela necessita para se defender do «Algoz».

«Mas daí a collocar-se «toda a gente na misera situação» de poder ser, de uma hora para a outra, expulsa do seu lar, val uma distancia sem medida. Perde-se de vista «o que é justo» para se cair na «iniquidade» e no «absurdo».

Se diz «é indispensavel tornar» é porque não está como deve estar seja o que for e portanto, como a lei consente estas espoliações estas vitimas, estas algoses, estas miserias situações e como é «indispensavel tornar» paralelos os interesses contrarios, acabar com a lei que tal consente:

E' inoportuno o projecto apresentado, é inoportuno mexer no assunto.

Optimo!

E continuando «O Seculo» a pôr principios numa 2.ª columna:

«...E «quize-se» esbulhar o inquilino de direitos «por ele conquistados» e que fazem parte da sua personalidade social. O erro social é esse. E ainda ha cegos que julgam possivel a publicacão duma lei que o sancione...»

Magnifico!

Delicioso o vergo «querer» no passado!

A tactica é optima.

Portugueses! Lede:

«A regalia de possuir ainda existe e «continuará existindo, enquanto não surgirem «Catastrofes» que a aniquilem como aconteceu na Russia. Mas para não deixar de vigorar essa regalia essencial, pedra angular das sociedades burguesas e capitalistas, tem de adaptar-se ás circunstancias. Tem de tornar-se mais elastica e flexivel. E' forçada a integrar-se nas modernas teorias sociais e juridicas, sem o que não poderá resistir aos embates que de todos os lados se desenhnam contra ela, na ansia «fegante de a fazerem ruir».

Ouvem a serela?

Catastrofes como na Russia!

E' necessario para tal não acontecer adaptar-se, integrar-se nas modernas teorias!

Ouvem a Serela?

Pois voltai agora a ler na postura de «O Seculo»:

«...E quize-se esbulhar o inquilino de direitos por ele conquistados e que fazem parte da sua personalidade social».

Optimo! Optimo! Optimo!

O sr. ministro da Justiça apresentando para a apreciação da imprensa das pessoas e colectividade interessadas, o seu projecto, e sujeitando-o antes de o levar a conselho de Ministros ás modificacões determinadas por um largo prazo de observacões e estudo, «é inoportuno» e comete o «Erro social», «O Seculo».

O sr. ministro da Justiça dividindo as criticas, feitas ao seu projecto, em três categorias:

1.ª—A dos que o leram e estão discutindo de boa-fé.

2.ª—A dos que com leitura ou sem ela, aproveitam a oportunidade para se manifestarem contra o ministro ou contra a situação politica que ele representa.

3.ª—A dos que estand. e disfrutatr situações privilegiadas, acham inoportuno que alguem os vá perturbar.

Não tem razão.

Sr. ministro! Ha só duas categorias verdadeiramente distintas:

1.ª—A dos de boa-fé, porque sedentos de justiça, não recalam a discussão.

2.ª—A de todos os outros, que disfrutando situações privilegiadas são por isto mesmo inimigos de todos os «governos que tenham por seu lado a moralizacão dos costumes, a ordem e a justiça».

Desculpe-me o sr. ministro mas... «O Seculo» é que tem razão.

Tem razão o «Diário de Noticias», apontando como a maior calamidade da Nação a enomissima, vergonhosa percentagem dos que não sabem ler...»—DELFIN MAYA

Os almoços no Café do Coliseu

que ontem se inauguraram a 640, com 2 pratos, marcaram um triumpho; os jantares, um assombro culinário; as ceias, uma maravilha.

Leilão de Penhores

«A COMERCIAL»

18, T. da Trindade, 22 Tel. 26382

(Ao Chado)

Definitivamente no dia 16 do corrente e seguintes ás 14 horas na Rua do Norte, 81.

ASPECTOS CIDADINOS

AS FRONDAS DE LISBOA

«Les arbres ont à peine eu le temps d'oublier
«Les lignes ou la serpe envenimée leur verdure:
«Mais la forme imposée endoie, et la nature
«Tempère ce que l'art eut de trop régulier».

A. LEFEVRE

De certo, e devido à escondida paginação, muito amigo de Lisboa deixou ler e apreciar, como merece, a magnífica série de judiciosos artigos, retintamente urbanistas, em que o distinto agrônomo sr. Joaquim Pratas, trata habilmente da arborização da cidade, e aos quais deu os interessantes títulos:—Arvores, muitas arvores!—As bôdas de ouro da Avenida da Liberdade—A arborização do Parque Eduardo VII—Arvores sagradas e consagradas.

Hoje que, após tantos anos de vergonhosa catalepsia das anteriores Camaras, o primeiro Municipio do País pensa em concluir o Parque, em ajardinar a margem, em Belem, e em florestar a cordilheira de Monsanto, não é descabido falarmos, embora sumariamente, de assuntos que se relacionam com estes melhoramentos da Capital.

Um dos serviços que mais devem prender a atenção dos poderes municipais, é o do arvoredo, que precisa manter, íntegra, a sua qualidade decorativa.

O «Ayuntamiento» de Madrid, que tem a seu cargo 51.550 arvores—numero este já hoje acrescido com as inúmeras dos jardins reais—assim que um desses benéficos depuradores do oxigenio citadino falece, fa-lo substituir, de seguida, por outro já adulto, ao qual as engenhosas transplantadoras alemãs se encarregam de colocar no mesmo lugar da anterior. A Camara de Paris, há pouco ainda, fez substituir os belissimos castanheiros da India, dos formosos massivos dos Campos Elisios, misteriosamente secos, por robustos plátanos que, do sul da França, para ali foram conduzidos em pesadas vagonetas, expressamente feitas para esse fim, tendo custado tudo isso, alguns milhares de francos!

Estes processos não nos são estranhos: Pomal, quando fez executar o antigo Passeio Publico, delicia dos nossos avós, arborizou-o com alentados freixos, trazidos da romantica quinta de Raton, nos arredados sitios da Barroca de Alva; e ainda há bem poucos anos, o mesmo se fez, motivado por umas arvores mortas, nos talhões da Avenida da Liberdade, que precedem os que perderam grande parte da sua beleza, pela lamentavel mas remediavel falta das frondosas acácias que os adornavam e foram invalidadas pela doença ou pela idade. Tendo o Municipio de Lisboa, muito louvavelmente, sem peias de arvoredo, mandado ajardinar, com correcção, a parte fronteira à fachada do historico padrao da nossa Epopeia Maritima, torna-se curioso transcrever este reparo, publicado no «Panorama» de 1842: «Conquanto sejamos apaixonados das arvores, e bem as desejamos ver mais disseminadas neste país, e mesmo dentro das cidades e aldeias, não aprovamos, contudo, que agora, algumas fossem plantadas em frente dos Jerónimos, pois estas, crescendo, o poderão, senão danificar, pelo menos encobrir; obstando a que seja a sua magnifica apparencia gozada do mar».

Indo-se, também, traçar um enorme bosque, nas serranias de Monsanto, não é desacertado, de antecipo, reeditar-se este sabio conselho de um notavel tratadista francês do século XVIII:—«Quando tiverdes de traçar um bosque, lembrai-vos, sempre, da Natureza. Nem ornamentos superfiosos, nem completa ausencia de adornos. Não deveis ceder, nunca, à vista das suas graças. O triunfo da arte, neste assunto, reside na variedade das surpresas, que mistura as perspectivas, e igualmente as esconde. Consultai, sempre, a qualidade e a topografia do local; é ele que reclama os jogos de agua, as fontes, as cascatas, os tanques, as estatuas, os terraços, o escarpamento dum sêro ou a vastidão duma alameda, a espessura dum bosque ou a amplitude dum relvado. É ele que deve fazer-se sobre as sombras, por seus contrastes, e prolongar ou quebrar as linhas da paisagem. Pedilhe as vossas cores, os vossos planos, as vossas perspectivas, pois ele será o pintor de si proprio».

Essa larga zona florestal, projectada ao poente dos principais aglomerados urbanos da

cidade, muito virá beneficiar a população aifadicha, não só recreando-a, como também depurando-lhe o organismo. A arvore, o mais benéfico abrigo que Deus deu ao homem, pelo oxigenio que exala e pelo oxido carbonico que absorve, não só limpa, como refrigera a atmosfera viciada das cidades.

Augusto, que tinha nos seus imperios, depuxantes de hortos celebres, como foram Cains Marius e Ciceron, para purificar a sua corte, mandou executar, à volta de Roma, um vasto circulo, pleno de loureiros, ciprestes, carvalhos e pinheiros, e regado por imensos regatos, porque queria que, do Forum e do

Capitolo, também se ouvisse o poetico gemit das aguas.

Não se devem esquecer, os nossos bons jardineiros municipais, das arvores de fruto, que tanto foram empregados nos paraísos persas e nos jardins de Carlos V, e que o nosso Fernando Silva, iniciou no Parque, assim como Forestier, o famoso architecto-paisaista francês, há pouco falecido, adoptou, primorosamente, no modelar vergel de Montjuich, em Barcelona.

Olivier de Serre jamais lançou um jardim que não lhe desenhasse, em ponto capital, uma aparatosa estufa, para, nas intempéries do

inverno do sul da França, abrigar as arredondadas laranjeiras, tão airoosamente metidas em quadrados vasos verdes, que ali se conservavam até à primavera, época em que voltavam a embelezar as alamedas dos floridos jardins.

A gentil laranjeira, objecto de uma admiração sem limites, desse grande jardineiro gaulês e que vemos profusamente distribuída em lugares publicos da Andaluzia, abunda, exuberantemente, por toda a terra portuguesa. Boni seria, portanto, que, de futuro, empregassem, de preferencia, nos nossos passeios publicos, essa linda casta de arvore, irradiante de beleza, pelo esplendor e immortalidade da sua lustrosa folhagem verde ferrete, e pelos seus abundantes e garridos frutos, todo o tempo seguros aos fartos ramos, e que, quando em flor, derrama um perfume mais inebriante e perturbador do que o do jasmim, do nardo e da açucena.

A arte de traçar desenhos vegetais, que conjuga a arvore a flor, com a agua, a estatua e a architectura, atingiu o seu apogeu máximo, quando Molet, Serre, Debrosses, Poussin, Le Notre, Mauser, e tantos mais, executaram, em chão da França, os primorosos parques de Fontainebleau, Saint-Germain, Tulherias, Saint-Cloud, Monceau, Biels, e outros que a enriquecem e nos maravilham.

André Le Notre, o mais assombroso architecto-paisaista, de todos os tempos, concebia sempre, os seus famosos parques, como sendo um prolongamento dos palacios já existentes, ou a edificar pois queria que, dum só lugar, e dum só golpe de vista, se admittesse toda a imponente perspectiva que lhes demarcára; e assim foi que ele, em aridos e estereos terrenos de Versailles, conseguiu erigir o mais grandioso e mais esplendido jardim do mundo, facto que lhe valeu o seu nomeado, pelo rei-artista Luiz XIV, superintendente de todos os Parques Reaes.

A arvore, como a Natureza no-la oferece, pela forma, pela especie e pela «nuance» quando transplantada nos jardins, nos parques, ou na via publica, deixa-nos adivinhar o efeito que, mais tarde, dela se poderá colher. A sua disposição serve, muitas vezes, para encobrir defeitos do terreno que, só à custa de trabalhos querosos e difficeis, se podem remediar.

E' norma de jardinagem, o serem plantadas, sempre, as arvores de folha permanente, atrás das que a perdem durante o inverno, para assim se conservar em todo o tempo a perspectiva amena e verdejante do local em que se encontram. Um dos modelos demonstrativos destes pontos essenciaes que se apresentam, é o famoso Hyde-Park, de Londres, um dos melhores exemplares de passeios rusticos que se conhecem sobre a Terra.

Segundo foi cantado nas olimpiadas mitologicas, Alcides amou o choupo, Baco, o ulmeiro, Jove, o carvalho, Citeres, a murta, Plátão, o cipreste, Febro, o loureiro, sendo o pinheiro a alma-mãe dos Deuses; e todas estas frondas ledas, florentes e delectosissimas, igualmente decantadas por Horacio, têm a sua architectura especial. Na disposição, no recorte, no encanto, está o segredo da sua decorativa localização, bem facilmente adivinhar, desde que haja alma, gosto, arte e genio criador.

Nos primitivos tempos da Persia, patria das mais belas flores espalhadas pelo globo, os poderosos reis não se desdenhavam de planejar os seus jardins e plantar as suas arvores.

Conta Xenophon, que, quando Lisandro foi admirar o parque de Sardes, as magnificas arvores, a regularidade com que estavam dispostas, as surpreendentes alamedas a maneira feliz dos seus acertados cruzamentos, e o perfume das suas mimosas flores espalhadas por todo o espaço, lhe fizeram exclamar: «Eu considero estas arvores, com admiração, a causa da beleza de tão formoso paraíso, mas, o que mais me surpreende ainda é a arte daquello que mediu o sólo e concebeu este florido meandro». Ao que, orgulhoso, o rei respondeu: «Fui eu, Lisandro que concebi este plano e indiquei o local a todas estas arvores; e mais, fui eu mesmo que, pelas minhas proprias mãos, as plantei, velando, depois, pela beleza que lhe admirais».

E. RAPOSO BOTELHO

Os produtos admiráveis da «Fabrica Ceramica Constancia»

De entre os produtos portugueses, expostos na Antiga Casa José Alexandre, na Rua Garrett, destacam-se os da «Fabrica Ceramica Constancia».

A Fabrica Ceramica Constancia, fundada em 1836, depois de vida brilhante no campo puramente industrial, dedicou-se sob a direcção do pintor ceramista Cifka à criação de faiança artistica.

As peças dessa época, apesar de não serem de primeira ordem, são muito procuradas, por existirem poucos exemplares.

Em 1921 sendo seu proprietario Miguel José Sequeira foi trespassada ao professor Battistini e a Viriato Silva, encontrando-se a fabrica nesta época em absoluta decadencia.

Não se pouparam a trabalhos e sacrificios estes dois artistas, até reporem a fabrica na primitiva actividade, mas agora com caracter puramente artistico, e assim numa ressurreição de cores, formas e esmaltes, nestes ultimos sete anos a Fabrica Constancia tem dado aos amadores a ilusão de que ainda se encontram facilmente as graciosas e azuladas peças da «Real Fabrica do Rato»; as ingenuas inspiradas no oriental, da «Bica do Sapato», ou as roxas e crepusculares decorações do «Juncal»; a ombrearem com as ricas sugestões da faianças holandesas, persas e Rouen ou então os já procurados estilos, Renascença e Baroco das ricas fabricas italianas.

No que principalmente esta fabrica se distingue é no dedicado estudo do estilo século XVII tão português que na sua riqueza policromica, largueza de desenho e sumptuosidade de composição, deixa maravilhados os conhecedores estrangeiros, quando de longe a longe Portugal se lembra de mostrar lá fora o que é a sua arte grandiosa e ao mesmo tempo ingenua.

Para provar isso os artistas Battistini e Viriato têm criado e espalhado pelo país e no estrangeiro desde o retribuido votivo á apoteose historica, os mais belos exemplares continuadores da velha dinastia ceramista portuguesa.

Citaremos apenas a Madonna del Fascio, a tapeçaria de Pastrana (tomada de Tanger, a capela dos Condes de Cartaxo ou os painéis historicos e decorativos que animam com as suas movimentadas figurações, os muros da Biblioteca Municipal de Lisboa (Palacio Galviesas).

Depois de assim ter marcado a sua ascensão na arte do azulejo ficamos-nos a pensar no milagre da arte e do fogo que podem produzir essas maravilhosas peças verdes, que nos lembram todo o misterio dos magos alquimistas e toda a riqueza dos esmaltes policromaticos de Veneza. Os nossos olhos prendem-se á mancha vermelha dos rarissimos exemplares desta cor que parecem chamam petrificadas numa prece á arte dos que estudam sempre para que dominando o fogo possam criar beleza.

Deposito da Serie de Produtos da acreditada Marca «MARYA»

PERFUMARIA DA MODA

5, R. DO CARMO, 7

TELEFONE 2 6746

Completo e Variado Sortimento de Perfumes e Produtos de Beleza das melhores e mais reputadas marcas Nacionais e Estrangeiras

Café Chave d'Ouro, L.

Neste estabelecimento, o café e o chá são feitos com a purissima Agua do Luzo

Tomem CHA' GORREANA

Deposito: C. de Santos, 3 LISBOA

PRETO E VERDE

Em pacotes e a granel

Telefone 2.1106 Telegramas: GORREANA

O ALBUM DUM HUMORISTA

«Caricaturas pessoais»

de Francisco Valença

é um livro precioso onde vem caricaturado este mundo e o outro

A «gente do nosso tempo», num «album de gloria» ou num «caderno de vidas» — é coisa pouco, ou nada, explorada no nosso país.

Nem pelo lapis do artista, nem pela pena do escritor.

E nada mais interessante do que fixar ciclos da existencia pelo arquivo dos seus homens que andam á superficie, em qualquer dos sectores em que o divide a sociedade.

Para o fazer é necessario um instinto poderoso, certa garra descritiva, quando não talento, pelo menos originalidade.

Mas Francisco Valença, grande artista do lapis, que traz sempre consigo um sorriso permanente, um inalteravel bom humor, um optimismo sadio, em seus olhos pequeninos e vivaces, de aguia — tem talento, tem individualidade, tem signa pessoal e merito superior ao nivel médio.

De uma escola de caricaturistas-artistas, que teve por Pontifice o glorioso Rafael Bordallo, não diremos que seu discipulo, mas seu continuador, Valença, o discreto e lealissimo Valença, detem em seu poder o facho iluminado e iluminador que pertenceu ao artista masculino que foi o homem dos «Pontos nos li», da «Parodia», do «Antonio Maria».

E Valença acaba de compôr o seu «Album» de «gente do nosso tempo», primeira série de um valioso livro, destinado a ficar nas estantes definitivas, como um arquivo contemporaneo de glorias, ou valores, ou tipos, ou figuras de relêvo, ou excentricidades de um periodosinho contemporaneo.

O livro «Caricaturas pessoais», por F. Valença, edição «Renascença Grafica (Diario de Lisboa) era preciso.

* * *

A caricatura do traço «Valença» — forma dentro do verosimil, não trabalha o grotesco, nem toca o monstruoso dos exageros, que não são a função de um caricaturista.

Em uma centena e pico de caricaturas, nenhuma roça pela grosseria. Mas levam consigo um sinal de graça, de gentileza, de caracter, numa alta e correta correção de attitude ou de costume. Esta qualidade é apreciavel, tanto como o é o espirito num humorista, critico delicado da vida, cujo alfinete tem de ter um «point d'arrêt» de cortezia.

Quem são, nesta 1.ª série, os caricaturados de Mestre Valença, o do nariz caricatural, da grenha ainda «fabrica» Rafael, da cor rosada dos frades langostins, da compostura de maneiras, e da piada «solta», estilo Belde-monio?

São, senão todos, bastantes dos da nossa geração: artistas, politicos, letrados, professores, jornalistas, comerciantes, homens publicos «doublés» de «espirituais», figuras gradas ou

graduadas, «senhores» da varanda da cidade, «donas» do eirado das elegancias, neste terreiro do paço do mundanismo contemporaneo — tipos, tipos, tipos...

Ao acaso um feixe de «sacrificados» falazes ao engenhoso lapis valenciano:

Leite de Vasconcelos, o sabio, etnografo; Tavares de Carvalho, o notario mestre; Rui Ulrich, o administrador geral das grandes coisas em Portugal; Brito Camacho, inconfundivel; Ferreira de Mesquita, a locomotiva nacio-

da coisa publica: Antonio Maria da Silva, Rodrigues Gaspar, Domingos Pereira, Vasco Borges, Antonio da Fonseca, Bettencourt Rodrigues, Cunha Leal, José Domingos dos Santos; são artistas e escritores do carinho publico: João de Barros, poeta, professor; Amelia Rei Colaço, «Mademoiselle Garrett»; Ricardo Jorge, higienista e camilianista; Araujo Pereira, sonhador eterno da dramaturgia; Gustavo de Matos Sequeira, outro inconfundivel; Robles Monteiro, Gil Ferreira, Raul de Carvalho, Leal da Camara,

tos; Alberto Tota, o do Funil Gordo, procurador da felicidade dos outros; o «nosso» Alexandre Ferreira, o Cón-de Castelo Mendo, de fato macaco; o heraldico Afonso Dornelas, o Carlos Pereira, ditador das aguas; o Costa Carneiro, grande espirito, lamina diplomatica; o João Antunes Baptista, o melhor cigarro picado da Havanza; Jaime Athias, da velha navegação; o ex-famoso Mateus Aparicio, o Sebastião Silva, o cauteleiro á paisana; o comandante Pereira da Silva, marujo de alto a baixo; o Eduardo Luiz Pinto Basto, cujo queixo parece o cal do carvão ou a janela do Tauromaquico; Manuel de Andrade, o voluntarioso bombeiro mesteiral; o professor Carlos de Melo, mãos geitosas de não fazer doer; o moço Marques Diniz, musico e advogado sempre de baixo das salas da mui; o Ricardo Covões, que já foi empresario do Coliseu; o Vieira Natividade, abade de Alcobaça; o nosso Alfredo Vieira Pinto, morgado da Murtosa e desembargador de Nossa Senhora do Vale; Armando Cortezão, alto comissario das Colonias da rua da Prata; Pedro Bordallo, de uma dinastia de «gentlemen» do espirito e da vontade; o Tomaz de Eça Leal, «pinus-pinacius» de boa raiz; Jaime Athias, o chanceler da presidencia — e... eles são tantos! — os rapazes, os que fazem os outros grandes e se esquecem de si; o Armando Ferreira, legação perpetua entre as letras e a engenharia; Oldemiro Cesar, «old» rabujento de segura visão jornalística; o Augusto Cunha, o Antonio Lopes Ribeiro, o Belo Redondo, o Mario Reis, o Mario Salgueiro, o Luiz Teixeira, o Eduardinho Frias, o João Rosa, o Artur Portela, o Rogerio Perez, o Felix Correia, os dois Norbertos..., e alguns mais que nos escapam, e não é por mal.

Figuras passadas, que a morte arrancou da vida, mas ficam no livro de Valença — são dezenas, e com que saudade olhamos algumas!

Francisco Valença, Plutarco que apresenta os seus varões, redige, ele proprio, as suas legendas, onde o espirito e um sentido sempre de respeitosa «charge» constitue o enquadramento da caricatura.

O autor apresenta-se a si proprio no fecho do livro, perseguido pelo fantasma simpatico de Prata Dias, o censor exilado, que se passou do Quirinal para o Aventino, que foi até agora a sua melhor marcha militar.

A Francisco Valença, todos nós caricaturados e por caricaturar, enviamos o nosso cartão de cumprimentos e a nossa fotografia, que — valha a verdade — não tem tanta verdade como os seus desenhos, que nos pintam tal qual nós somos, com defeitos — e tudo.

N.—P.—F.—P.—N.



FRANCISCO VALENÇA

nal; Agostinho Fortes, o professor; Roque Gameiro, mestre pintor; Mario Pinheiro Chagas, o grande advogado; Gonçalves Teixeira, o ex-permanente secretario do «Foreign Office» das Necessidades; Gago Coutinho, marujo e sabio; o conde de Penha Garcia, diplomata colonial; Caeiro da Mata, mestre de direito e canonico bancario; Belo de Moraes, o grande professor; João Semana; Moreira Junior, dos partos da C. dos Tabacos; Jorge Colaço, o ceramista inimitavel; Melo Barreto, jornalista e diplomata de boa escola, e sabemos lá quantos.

Recorramos ao catalogo, e ao acaso: são os homens da politica, ou

o Stuart Gavarni, Carlos Leal, Virgínia Vitorino, da «Ala dos Namorados»; Battistini e Viriato Silva, os pintores ceramistas; Emilia de Oliveira, actriz eternamente loira; Gualdino Gomes, os 50 anos mais «rapazes» da classe dos 70; Campos Lima, romantico do anarquismo; Joaquim Manso, Paul Valery, do jornalismo; Bourbon e Menezes, aristocrata da esquerda; Saavedra Machado, Filipe Mendes, Tito Martins, o «João Verdades»; Mario Monteiro, o poeta do crime...

E as figuras, ao de cima, pelo seu recorte social, espirituoso, ou mundano: o Rui Santos, dos charutos elei-

CINE PALACIO E ROYAL CINE
O formidável filme falado em espanhol
(100 0/0 comico)
EM FRENTE, MARCHE!
cóm PAMPLINAS (Buster Keaton)

A Cidade

THE RILEY INSTITUTE
Linguas vivas
e Comercio
R. Mariens Ferrão, 20
(à Rotunda) — LISBOA



Chá das cinco

Palacio do Oriente

O Palacio do Oriente tentava como um conito oriental aqueles que o contemplavam do exterior, olhando a sua majestática opulencia architectonica, sonhando contos das mil e uma noites, das noites que ali já findaram para os que lá viviam.

Como muitos sonhos, desvaneceu-se este do Palacio do Oriente para os que já lá puderam entrar — membros do governo, jornalistas espanhóis e os excursionistas portugueses.

O proprio sr. D. Alejandro Lerroux, illustre presidente da Associação da Imprensa de Madrid e eminente figura da Republica espanhola, disse, referindo-se a futura residencia presidencial:

"El Palacio de Oriente no reúne condiciones habitables, porque el Rey vivia mal".

E disto ficámos convencidos todos os que já lá andámos por dentro. Afonso XIII vivia mal, num quarto cujas paredes nuas exibem manchas de humidade, numa cama estreita e de ferro, com uma tina que se ocultava sob um divan, em aproveitamento de burguês parisiense. E o quarto de D. Vitória Eugénia, de aparente pompa pelo docel da cama larga, é dum gosto atroz, com um tecto cujas pinturas enojativas representam a pessima alegoria duns anjinhos segurando uma inexplicavel mantilha branca.

De resto, o mau gosto é característico do Palacio do Oriente e, se exceptuarmos dois ou três salões, tudo mais está mobilado em estilos variados, abundando o detestavel "isabelino", numa amalgama de bric-à-brac.

Palacio do Oriente, conto oriental, contos das mil e uma noites que ali já findaram para os que lá viviam...

ROGERIO PEREZ

Um pedido de indulto

O presidente da Academia de Viana do Castelo, sr. Manuel José Adão de Sousa Macato, comunica-nos que os estudantes daquela cidade, reunidos para apreciar o caso do seu colega Albino de Queiroz Magalhães, resolveram saudar a imprensa do país, aprovando por unanimidade um voto de louvor ao «Diario de Lisboa» pela forma calorosa, inteligente e humana como provocou e tem mantido a defesa desse inconsciente criminoso.

Não deixem de ir ver a grande revista

O Mexilhão

o maior exito da actualidade

no

Variedades

UMA ATITUDE VIOLENTA E INJUSTIFICADA

MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO

contra a insolita agressão

de que foi vitima um nosso camarada

O caso da insólita agressão ao nosso camarada Manuel Nunes pelo advogado sr. Campos Coelho tem provocado, não só entre jornalistas, como na opinião publica, um movimento geral de repulsa pela attitude violenta e injustificada daquele advogado.

A direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa reuniu-se hoje extraordinariamente para se ocupar do caso, tendo-nos enviado a seguinte nota:

«A Direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, reunida extraordinariamente para apreciar o incidente da agressão de que foi vitima, por parte do advogado Campos Coelho, o jornalista sr. Manuel Nunes, em consequencia do cumprimento dos seus deveres profissionais, protesta contra tal attitude, imprópria dum homem de leis, e manifesta ao seu querido camarada agredido toda a sua solidariedade».

Um grupo de socios do Sindicato dos Profissionais da Imprensa requereu a convocação extraordinaria da Assembleia Geral para tratar do assunto.

O nosso prezado colega «Diario de Noticias» occupou-se tambem deste lamentavel incidente nos seguintes termos, que revelam uma attitude nobre e demonstram uma nitida compreensão dos deveres de solidariedade que incumbem aos verdadeiros profissionais da Imprensa:

«O nosso colega «Diario de Lisboa» relatava ontem pormenorizadamente uma cena de pugilato ocorrida á porta do tribunal da Boa Hora, entre um dos seus redactores, o sr. Manuel Nunes, que ali fez a recente reportagem do julgamento do «chauffeur» Gouveia, e o advogado sr. dr. Campos Coelho, que, nesse mesmo julgamento, colaborou como advogado de defesa do réu.

Nunca vimos, na reportagem do «Diario de Lisboa», qualquer passagem capaz de justificar o insólito procedimento daquele advogado, o qual, segundo conta o nosso colega da noite, desafiou Manuel Nunes pelo telefone e, ao defrontar-se com ele, sem a menor troca de explicações, procurou agredi-lo, mordeu-o num dedo e voltou mais tarde a agredi-lo, tudo isto condimentado com improperios e gestos exaltados, entre os quais chegou a figurar a espectacular exhibição de uma pistola.

O «Diario de Lisboa» chama a este acontecimento «Um lamentavel incidente á porta da Boa Hora». Com effeito, o caso tem muito mais de lamentavel do que irritavel. Um pugilato é coisa vulgar e não envergonha quem o pratica quando ha um motivo forte a justifica-lo. Mas ver um advogado, um homem de leis, uma individualidade que veste uma toga a desafiar um cidadão pacifico para a porta do tribunal, a bater, a morder, a provocar escandalo, a substituir a frase pelo berro, o argumento pelo murro e o talento pela força dental, constitui, na realidade, um espectáculo triste.

Lamentamos, pois, e deveras, a situação do advogado sr. Campos Coelho».

O nosso prezado colega «Republica» con-

denou tambem a attitude do sr. Campos Coelho, escrevendo o seguinte:

«O caso é de molde a só nos merecer as mais asperas censuras, que nos dispensamos de fazer, por attribuir o gesto do citado advogado a um momento de irreflexão, que a sua idade explica, mas que a sua função não deixa justificar».

O director do «Diario de Lisboa» recebeu tambem dum grupo de jornalistas a seguinte mensagem:

«... Sr. dr. Joaquim Manso: — A insólita agressão de que foi vitima o nosso camarada Manuel Nunes constitui um facto sem precedentes, entre nós. Se tivesse que generalizar-se á classe dos advogados o vergonhoso procedimento do dr. Campos Coelho, respondendo com um ataque pessoal ao honrado exercicio da reportagem, haveria que considerar-se perdida a tradição de honra e de equilibrio moral de uma das mais nobres instituições deste país: a advocacia.

Não acreditamos, porém, que sejam solidarios com o acto de um energumeno os que, dia a dia, servindo a Justiça, honram o foro português. E por isso nos limitamos, com a afirmação da nossa inteira solidariedade ao colega ofendido, a felicitar V. e o «Diario de Lisboa» pelo trabalho que Manuel Nunes e Artur Portela realizaram com o julgamento do autor do crime da rua 20 de Abril, trabalho que, dignificando a nossa profissão, nos honra e merece inteiramente o nosso aplauso.

Belo Redondo, Gomes Monteiro, Amadeu de Freitas Filho, Napoleão Gonçalves, A. Remédios de Bettencourt, Pinto Monteiro, Santos Vieira, Carlos Neves, Marques da Costa, Fausto Vilar, Aprigio Mafra, Alexandre Barbosa, Cristiano Lima, A. Albuquerque, Anselmo Franco, Adriano Costa, Albano Negrão, Leal da Silva, José Barão, Wunderli Lourenço, A. Oliveira Gandara, José Freitas, Mario Quintela, Cesar Santos, Oldemiro Cesar, Antonio da Costa Leão, Rebelo da Silva, Pereira Vitorino, David Lopes, Jaime Leitão, Jorge Gonçalves, Abilio de Carvalho, Mario Barros, Paulo Freire e José Horto Junior.

Neste cõro geral de protestos, há, porém, uma nota discordante, uma voz que desafina, uma voz roufenha que já estamos habituados a ouvir... Um jornalista foi injustificado e violentamente agredido por uma falta que não cometeu... «A Voz» defende o agressor. A pretexto de esclarecer o caso, «para que á roda deste incidente não se faça tambem especulação», «A Voz» afirma que «o conflito não foi entre o advogado de defesa do «chauffeur» Gouveia e um jornalista: foi, sim, entre o sr. dr. Campos Coelho e o sr. Manuel Nunes, que entenderam cerimir a soco uma questão pessoal».

Este plural é delirioso — entenderam! O sr. Campos Coelho, sem invocar a mais leve razão justificativa do seu insólito procedimento, desafiou pelo telefone um jornalista para «ajus-

(Vªr continuação na 12.ª página)

Casos do dia

Foi tempo...

Quando eu era pequenino, e mesmo depois de já ter entrado nas sortes, havia nos jornais de propaganda um argumento marca lugar-comum que me causava arripios. Os autores teatraes, percebendo que a tecla lhes fazia vibração na bolsa, deram em feri-la depois com abuso nas chamadas peças á «Grand Guignol», e eu, mais o publico todo, começámos a perceber que aquillo era apenas para afligir as pessoas compassivas e para encher de dinheiro os negocios do sentimento humano.

Quero referir-me aos varios reis, e principes, e catolicos de grande tom que, por dá aquela palha, envenenavam os seus inimigos, arvorando os toxicos em arma politica de combate e em solução cobarde de revindita.

Foi assim que me acostumei a conhecer de nome os Borgias, e mais o sr. D. João II de Portugal, e mais as colunadas freiras do convento das Trinas, e mais os outros todos que, segundo diziam as gazetas inflamadas, não hesitavam em recorrer ao maldito veneno sempre que julgavam preciso desenviolar-se dos adversarios teimosos ou reduzir ao silencio certas bocas comprometedoras.

O tempo correu; sobrepuzaram-se os anos; passou de moda o «Grand Guignol», e agora, redimida á força de luz e de progresso a escravizada Humanidade, qualquer meceiro arma em Borgia, e qualquer manteigueiro arma em rei vingador, sem que as gentes se indignem com a hediondez de tamanhos crimes.

Exceptuado o sr. Intendente Geral da Policia que, ainda assim, se vê desmentido e malquerido sempre que persegue os envenenadores do povo, toda a gente acha bem que os sucedaneos dos Borgias nos deem cabo da vida sem nós lhes termos feito mal algum.

Dantes, os envenenadores graúdos, «si vera est fama» serviam-se da arma traiçoera contra os seus inimigos somente; hoje em dia os seus sucedaneos manejam a mesma arma contra os que nem sequer conhecem e que os ajudam a viver.

Envenenam o chouriço, envenenam o leite, envenenam o vinho envenenam o queijo, envenenam a manteiga, envenenam tudo, e ninguém protesta, e ninguém faz comicio, e ninguém diz mal dos modernos Borgias, os Borgias de todas as religiões e de todas as politicas que vivem de matar a gente propinando venenos a eito sem distincção de amigos e inimigos.

Porque será?...

APRIGIO MAFRA

Sufragios por alma de D. Miguel

Por alma de D. Miguel I, celebram-se amanhã solenes exequias na igreja do Sacramento, ao meio dia, devido á iniciativa da direcção do Partido Legitimista e do Gremio português Tradicionalista.

Para os desempregados

Com destino aos desempregados, recebemos de «Uma mulher portuguesa» o donativo de 500, mensalidade do mês de novembro, da generosa anonima.

PETROLEO HAHN
contra a queda do cabelo

Grande sucesso

Tel. 218

às 21,15

TIOLI

da super-produção FOX em que apresenta no écran a celebre Legião Estrangeira de Marrocos francês

Os Renegados

FRITZ
TELEFONE DA BILHETEIRA 27172

Telefones: Bilheteira 2 7172
e Escritorio 2 7580

A's 9,15 da noite
Exito monumental
e indescritivel
do formidavel filme sonoro
de FRITZ LANG

= MATOU! =

CONDES

Lupe Velez e Gilbert Roland
em
«Ressurreição»
fonofilme falado e cantado em espanhol

A Cidade

ODEON

HOJE
às 21,30 h.

O Trio Fantastico

O unico filme sonoro onde o
grande actor americano LON
CHANEY deixou gravada a sua
voz

UMA INICIATIVA PATRIOTICA

O ÊXITO alcançado

pela Semana do Trabalho Nacional

A «Semana do Trabalho Nacional», oportuna e felicissima inspiração da Associação Industrial Portuguesa, está decorrendo com um êxito de interesse e de valorização colectiva, que bem merece registar-se.

Ha muito que não se assistia a uma afirmação tão eloquente, tão inequivocamente significativa do muito que podemos, da competência de que temos o legitimo direito de orgulhar-nos em face do estrangeiro.

Verifica-se assim, com factos, que só não nos bastamos porque não queremos, porque um doentio pessimismo nos amolece e nos torna descrentes. Lisboa tornou-se uma exposição colossal, uma feira de valores em que os maiores valores se afirmam.

Basta vêr o que essa cidade em fóra se exhibe como amostra do que Portugal produz em todos os ramos da actividade, para se ter a certeza de que em nada nos superam os estranhos a quem, mais ou menos, todos nós nos habituámos a dar imerecida preferéncia.

Demonstrações destas deviam repetir-se, deviam ser postas permanentemente diante dos olhos dos incredulos, para nos convencermos de vez do erro em que laboramos contra nós proprios acreditando que somos um povo em atraso civilizador.

O sr. dr. Marques Guedes, aproveitando inteligentemente a atmosfera de fé feita á volta da «Semana do Trabalho Nacional», realiza hoje, ás 21 e 30, na sala «Algarve», da Sociedade de Geografia, uma conferencia sobre nacionalismo economico que é, muito legitimamente, aguardada por quantos se interessam a sério pela nossa valorização colectiva.

Precisamente para que ninguém falte a ouvi-la, resolveu-se que mais nenhum numero figurasse no programma desta noite. Importa, por isso, que a lição do ilustre economista seja ouvida e aproveitada por toda a gente, tão certos estamos de que ela a todos aproveitará na hora grave que decorre.

O sr. Presidente da Republica e o chefe do governo visitam amanhã, ás 14 e 30, o «estando» da Fabrica de Material de Guerra de Braço de Prata, na Avenida da Liberdade.

DE LUTO

D. Leopoldina Caroca

Com grande acompanhamento, realizou-se hoje, pelas 17 e 30, da sua residencia, rua D. Pedro V, 45, 4.º para a estação do Rossio, o funeral de sr.ª D. Leopoldina Patricio Caroca, cujo falecimento ontem noticiámos.

Durante o dia o cadaver da virtuosa senhora foi velado por muitas senhoras e pessoas de familia.

A urna que contem os restos mortais segue esta noite, num vagão armado em camara ardente, para a Guarda, terra da naturalidade da falecida, onde ficará depositada em jazigo de familia.

Processos de roubar

O juiz-adjunto da P. I. C. dr. Eduardo Teixeira de Abreu, acompanhado do agente Ramos, foi esta tarde ao largo de D. Estefania, 14, 1.º, onde está instalada a casa de penhores de José Gomes Fernandes, a fim de proceder á abertura do cofre, onde se encontraram varias cauteias respeitantes a objectos ali empenhados e que o proprietario empenhava depois por sua vez, burlando assim diversas pessoas.

A CRISE FINANCEIRA

A libra e o escudo

Publicamos em seguida o artigo em que «Um leitor» responde ás considerações que a sua carta sobre a crise financeira, inserta no Diário de Lisboa, sugeriu ao Diário da Manhã:

Sr. Director:—São de agradecer e aproveitar todos os ensejos que permitam o publico debate da attitude assumida pelo Banco de Portugal em face da queda da libra. Numa carta anterior, que V. teve a amabilidade de publicar, afirmei:

- 1.º—que o Banco de Portugal não podia, depois da suspensão do padrão-ouro na Inglaterra, manter á libra o preço de 110 escudos;
- 2.º—que os portugueses que tinham capitais depositados em Londres não colheram beneficio algum na sua conversão para escudos;
- 3.º—que o premio dado á exportação sem a sua natural contrapartida nos prejuizos da importação;
- 4.º—que a nossa moeda está desvalorizada em mais de vinte por cento e sujeita a todas as flutuações duma moeda estrangeira;
- 5.º—que a victoria dos conservadores não produziu, ao contrario de certas previsões, a melhoria da libra;
- 6.º—que não é a nossa economia mas sim a economia inglesa, a politica inglesa, os interesses ingleses, que marcam o valor real do escudo.

Inteiramente subsistem as afirmações que fiz. Vale a pena desenvolvê-las um pouco, tão estreitamente o assunto se prende com a economia nacional. Vamos por partes, evitando digressões fatigantes ou confusões prejudiciais.

Primeiro—O decreto n.º 19.869, de 9 de junho passado, estabeleceu no seu artigo 5.º que «o Banco de Portugal é obrigado a manter desde a entrada em vigor do novo regime monetario e na relação fixada no artigo 1.º a estabilidade do valor da moeda portuguesa».

Veja-se o artigo 1.º:

«Desde 1 de julho de 1931 vigorará no continente e linhas adjacentes o seguinte regime de moeda:

- 1.º—O escudo-ouro, moeda padrão, terá o peso de gr. 0,0739 com o titulo de 900/1000;
- 2.º—Os soberanos e meios soberanos ingleses de gr. 7,98805 e de gr. 3,99402 de ouro, com o titulo de 916 2/3 por 1.000, continuarão a ter curso legal com o valor de 110s e 55s ouro, respectivamente».

São estas as disposições inofensíveis do decreto. Como cumpre o Banco de Portugal as obrigações que assumiu? Mantendo o preço de 110 escudos para uma moeda que entrou no regime de curso forçado e que por isso não corresponde legalmente a nenhum peso de ouro.

Dispõe o artigo 13.º do mesmo decreto:

«Artigo 13.º—O Banco de Portugal, quando os portadores das notas o exigirem, reembolsá-los-á em especies ou em divisas ouro sobre o estrangeiro, á escolha do Banco e em harmonia com o artigo 1.º deste decreto.

Parágrafo unico—A venda das divisas será efectuada por preço que não poderá exceder a paridade teorica na relação estabelecida no artigo 1.º deste decreto, acrescida dos encargos com a expedição do ouro. Servirá de base o cambio sobre Londres, devendo o Banco publicar no «Diário do Governo» as cotações (gold joints) assim determinadas, e segundo as quais ele efectuará a transacção de divisas-ouro».

Desde que a Inglaterra suspendeu o padrão-ouro, o cambio sobre Londres não pode regular a paridade teorica estabelecida no artigo 1.º, no qual expressamente se determina o peso da moeda padrão, escudo-ouro, em relação com o peso da libra. Mas o que é positivo é que o portador de notas tem o direito de ser reembolsado em divisas sobre o estrangeiro na relação estabelecida pelo artigo 1.º do decreto. correspondendo a cada escudo o valor dum determinado peso de ouro. Como se desempenha o Banco de Portugal desse compromisso? Mantendo o preço de 110 escudos para uma moeda inconvertivel, que todos os dias oscilla de valor. E' assim que ele garante a estabilidade do valor da moeda portuguesa.

Segundo—Os portugueses que converterem libras em escudos não receberam beneficio algum, ao contrario do que se escreveu. Se pretendiam fugir aos riscos de novas depreciações da libra, não o conseguiram, porque o valor real do escudo continua sujeito a todas as flutuações da moeda inglesa.

Terceiro—No relatorio que precede o decreto de 9 de junho escreveu-se estas palavras: «As apregoadas vantagens de desvalorizar a moeda, sob o ponto de vista da defesa do comercio e do estímulo á exportação, estão desacreditadas pela experiencia, que não mostra ter algum país logrado por esse processo melhorias duradouras». Os prejuizos da importação traduzem-se no encarecimento dos generos e artigos estrangeiros, e, a breve trecho, na repercussão da carestia nos proprios artigos de produção nacional. Será agravada a desproporção já existente entre vencimentos e custo da vida.

Quarto—A desvalorização do escudo é marcada pelo cambio da libra nas praças estrangeiras. Em Portugal a libra continua a ter o valor fixo de 110 escudos. A esta quantia corresponde diariamente, conforme as cotações sobre Londres, um numero maior ou menor de dolares, francos ou outras moedas estrangeiras.

Quinto—As eleições inglesas realizaram-se no dia 27 do mês passado. No dia 22 a libra foi cotada em Paris a 100,25. Nos dois dias immediatos cotou-se a 99,50. No dia das eleições esteve a 99,75. Baixou depois para 99,68, para 99, para 98, para 97,50, para 95,50. Será difficil concluir que as eleições melhoraram a posição da libra.

Sexto—Se a Inglaterra conseguisse rapidamente eliminar o deficit da sua balança comercial, aumentava o valor da sua moeda—e o do

(Ver continuação na 12.ª pagina)

A ARTE E OS ARTISTAS

Uma exposição notavel

de caricatura, escultura e pintura

Quem é Julio de Sousa? Um artista do pincel, de caricatura e da plasticina cujo nome escrevemos pela primeira vez. Não julguem que as suas multiplas facetas banalizam ou enfraquecem o seu talento—dividindo-o. Pelo contrario: Julio de Sousa é uma grande revelação, cujo certame, na Papelaria Progresso, parece ter passado despercebido. Três traços para o biografo: escola moderna, temperamento original e visão argutissima.

Na caricatura dá-nos uma série de trabalhos que se destacam pela rapidez vertiginosa do traço—cheio de vivacidade e alegria. Os seus modelos mexem-se, agitam-se, numa palavra, vivem. Destacamos a sua «gente de teatro»—artistas, empresarios, actores—galeria que todos nós conhecemos, e ali os reconhecemos. Julio de Sousa é, propositadamente sumario. Por vezes, o raio luminoso duma pupilla, a linha coordiforme duma boca, um ombro saliente, e a figura está diante de nossos olhos, na sua exactidão fisionómica, isenta de pormenores.

No barro, Julio de Sousa é também notavel. As suas «maquettes», sugestivamente patinadas, obedecem ao seu estilo caricatural. Nelas, não é a fisíonomia, mas a attitude, que ele explora, conseguindo duma maneira admirável caracterizar os modelos. Veja-se, entre outras, Greta Garbo e Amelia Rey Colaço.

Julio de Sousa apresenta também duas pinturas, que são duas belas afirmações dum modernismo sadio, equilibrado e ritmico.

Ha que vêr esta exposição, não a deixando morrer no silencio e no abandono.

A inauguração do monumento aos mortos da Guerra

No edificio da Camara Municipal reune-se amanhã, ás 16 horas, a comissão do monumento aos mortos da Grande Guerra, a fim de proceder á escolha da data para a sua inauguração oficial.

Livros traduzidos para português

A notavel tradução do livro «A ultima guerra», de Victor Merie, a que ha dias nos referimos, não é da autoria do professor Tomaz da Fonseca, como por engano se disse, mas sim do distinto quintanista de direito, sr. dr. Fernandes Bernardes de Miranda, que se afirmou um espirito brilhante e tem escrito ja alguns trabalhos notaveis. A ele se deve também a tradução da «Russia», de Henri Barbusse, e em breve se ficará devendo á das «Cruzes de Madeira», de Rolan Barjés.

Uma série de panfletos

O nosso distinto colega do jornalismo Verdu Martins vai iniciar a publicação duma série de panfletos, que tem por titulo: Monarquicos... Monarquicos...

Verdu Martins, que é um republicano intemerato e um polemista de valor, propõe-se analisar, na sua obra, varios aspectos da politica portuguesa.

ENCHENTES SUCESSIVAS

NO

MARIA VITORIA

com a famosa revista-fantasia

A NAU CATRINETA

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

SEMPRE MAIS BARATO

Por comprarmos só ás fabricas e tudo pagarmos a
PRONTO PAGAMENTO!

SEMPRE MAIS BARATO

Por não nos servirmos de
Capitais alheios

OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

são os maiores e
os que mais
barato vendem em
todo o paiz

As secções vende-
doras das suas 24
casas
empregam para
cima de 2.000
empregados
e empregadas

**Sempre
mais barato**
Porque tudo quanto do
estrangeiro nos vem é
comprado somente ás
fabricas e sem inter-
mediários e pago sem-
pre a
Pronto pagamento



OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

vendem de tudo
ao preço
das fabricas

As nossas 20 f. bri-
cas e os diversos
ateliers
o cliente alimentam
o trabalho
permanente a mais
de 4.000 pessoas

**Sempre
mais barato**
Por
nos contentarmos
com um lucro
honesto do
**NOSSO
CAPITAL**

O antigo Palacio (Barcelinho) hoje propriedade dos **GRANDES ARMAZENS DO CHIADO** e onde estes se acham instalados é a propriedade mais rica, luxuosa e vasta da capital e digna de ser visitada por nacionais e estrangeiros

Por isso, preferir e recomendar os **GRANDES ARMAZENS DO CHIADO** é contribuir para o progresso duma obra nacional, imensamente grandiosa e altamente patriótica porque 90 o/o das suas vendas em Lisboa e suas 23 filiais são produtos nacionais onde só existe um preço para todos, é nos

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Ramiro Leão & C.^a

Os nossos artigos impõem-se pelas suas qualidades e pelos preços vantajosos por que os vendemos

Cobertores de lã para cama duma pessoa, com fuudos castanhos e bege e barras de cores a	36\$00
Cobertores de lã para cama duma pessoa, fundo encarnado e barras pretas a	64\$00
Cobertores de lã para cama duma pessoa, em cores diversas, com barras em riscas e barras formando xadrez a	67\$00 e 60\$00
Cobertores de lã para cama de 2 pessoas, com fuudos em castanho e bege e barras e cores a	45\$00
Cobertores de lã para cama de 2 pessoas, em lã muito fina, rosa, azul, bege, etc., com as barras em riscas e formando xadrez a	65\$00 e 78\$00
Edredons de bonitos cretonnes de fantasia el recheio de summauma a	150\$00
Edredons de setim de seda dos 2 lados e recheio de summauma	330\$00
Edredons de setim de seda dos 2 lados, com recheio de summauma e penas e bonitas applicações de renda a	450\$00 e 360\$00
Camisolas de malha de lã cardada para homem a	13\$00 e 11\$00
Camisolas de malha de lã estambre para homem a	26\$00 e 18\$00
Ceroulas de malha de lã cardada e estambre para homem a	25\$00 e 23\$00

A COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

informa que adquiriu mais maquinismos para poder satisfazer todos os pedidos de:

TIP TOP

marca excelente, finíssima, de preço muito reduzido, cuja venda
excedeu todas as previsões

A COMPANHIA não poupa esforços para manter a **Uniformidade e Elevada qualidade** de todas as suas marcas, empregando os melhores tabacos, após ter transformado as fabricas, instalando os mais modernos aparelhos, correspondendo assim á grande preferença do publico pelos seus produtos

FABRICA DE PORCELANA

— DA —

VISTA ALEGRE

Fundada em 1824

Sede: Largo da Biblioteca, 17 — **LISBOA**

FABRICA EM ILHAVO — AVEIRO

Porcelanas para usos domesticos,
industriais, decorativos
e electricos

Durante a Semana
do **TRABALHO NACIONAL**

visitem o nosso Deposito de Venda

Largo do Chiado, 18

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Sortes grandes?

só a casa COSTA, LDA. as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

A SEMANA DO TRABALHO NACIONAL, NO CHIADO

Tudo que vendemos é nacional

proclamam, com legitimo orgulho, alguns dos mais importantes estabelecimentos

Parafrazando o grito do pretendente francês: «Tudo o que é nacional é nosso!», muitos dos mais importantes estabelecimentos portugueses, numa abençoada reacção contra o vício «snob» do estrangeirismo, proclamam agora, com legitimo orgulho: — «Tudo o que é nosso é nacional!».

E, se a afirmação parece a alguns exagerada, podemos dizer-lhes que, aparte produtos cujas matérias primas se não encontram no nosso país, a industria portuguesa pode abastecer em grande parte, com os seus artigos, o mercado nacional.

Esta iniciativa da «Semana do Trabalho Nacional», a que o «Diário de Lisboa» já se tem referido largamente, ficará como uma afirmação concreta e visível da grande realidade que constituem hoje muitas das nossas industrias, e das formidáveis possibilidades que elas têm de suprir o recurso ao estrangeiro, desde que, tanto o Estado como os particulares, se decidam a ajudá-la e a preferi-la.

Numa rápida visita a alguns estabelecimentos do Chiado — a zona lisboeta «chic», por excelência — colhemos as notas de reportagem que a seguir publicamos, e que mostram bem como o Comercio correspondeu a esta patriótica iniciativa da Associação Industrial Portuguesa:

Grandes Armazens do Chiado

Nesta «Semana do Trabalho Nacional», o primeiro lugar cabe, sem dúvida, aos Grandes Armazens do Chiado, a formidável organização portuguesa, dentro da qual, além dos colossais estabelecimentos de Lisboa e das outras cidades, vivem duas dezenas de núcleos industriais diferentes.

Tiveram os srs. Nunes dos Santos & C., uma ideia interessantíssima: transportar para a sua sede do Chiado muitas máquinas das suas principais fabricas: da rua da Bombarda, em Lisboa, e da Alhandra. E conseguiram assim dar ao numero publico que tem passado no conhecido e popular estabelecimento, uma ideia do que são as industrias de tecidos para homem, de riscados de fantasia, de «popelines», de fitas de seda, de peúgas de seda e algodão, de meias, de panos de seda para sombrinhas, todas elas exploradas em grande pela importante casa portuguesa.

Impossível se torna, devido ao espaço de que dispomos, fazer uma reportagem detalhada do que o publico pode ver em exposição, nos Grandes Armazens do Chiado, durante a «Semana do Trabalho Nacional». Mas basta que digamos o seguinte que dá bem a nota da importancia desta iniciativa: a maioria do publico sai dos Armazens do Chiado, depois de ver as máquinas trabalhando e os objectos expostos, dizendo: — «Sempre julgávamos que estes artigos eram estrangeiros!».

Por todo o estabelecimento se vêem milhares de disticos, com esta frase que deve representar uma obrigação para todos: «Evita o desemprego, comprando productos portugueses!». E merece tambem uma referencia especial, além das máquinas para tubos e «bobines» de linha e novelos de algodão e da demonstração do fabrico de bonecos de pasta, a exposição das máquinas de lapidação e de gravura em vidro, da Companhia Industrial Portuguesa.

Casa Grandela

A Casa Grandela deliberou aproveitar a realização desta patriótica Semana, para inaugurar o seu Salão do Trabalho Nacional, onde pretende, daqui para o futuro, ter uma repre-

sentação permanente das diversas industrias de todo o país.

Entregue a organização respectiva ao distinto artista sr. Francisco Campos, dividiu este o Salão em três secções: a de Belas Artes, a das Industrias Nacionais e a de Arte Aplicada.

Na primeira, vemos interessantes obras de Constancio Silva, de Eduardo Romero, de D. Eduarda Lapa, de D. Emilia dos Santos Braga, de Frederico Aires, de Gabriel Constante, de D. Maria de Lourdes Carvalho e Silva, de Mario Augusto, de Saavedra Machado, de João Marques, de Viriato Silva, de Amarelho e de Leopoldo Battistini. Na segunda, destacam-se os trabalhos de D. Amelia de Sousa Moraes e de D. Fernanda Alves Correia; e na parte industrial, merecem especial referencia, os artefactos de cimento armado de Ad. Lucem, os pinéis da Viuva de Delfim Marques de Carvalho, os artigos sanitarios da Cerâmica Lusitania, Lda, os artigos de higiene, de Fernando Vilhena, os doces, cartonagens e bordados, da Associação Protectora das Escolas para Crianças Pobres, o carrilhão de Manuel Francisco Cousinha e as faianças artisticas de Bordallo Pinheiro, Lda, das Caldas da Rainha.

Antiga Casa José Alexandre

A «Antiga Casa José Alexandre», da rua Garrett, 8 a 13, aproveitou a «Semana do Trabalho Nacional» para expor alguns dos melhores productos da nossa industria. De entre eles, devemos destacar os vidros da Companhia Industrial Portuguesa, as faianças da fabrica Constancia, os sabonetes e as perfumarias da «Hope» e os artigos da Sociedade de Porcelanas, Limitada, de Coimbra, que está rivalizando com as melhores do país, sendo a mais moderna, empregando apenas pessoal português, desde os administradores até aos directores tecnicos e aos operarios e ficando a par das melhores fabricas estrangeiras, em porcelana domestica e de hotel.

A «Fabrica Cerâmica Constancia» cujos artigos podemos admirar nas montras da casa José Alexandre, foi fundada em 1836, tendo-se dedicado, sob a direcção do distinto pintor ceramista Cifka, á criação da faiança artistica. Em 1921, tomaram conta dela o professor Battistini e Viriato Silva, que a foram encontrar em plena decadencia, tendo conseguido ressuscitá-la, de tal modo que ela tem dado aos amadores, nestes ultimos 7 anos, a ilusão de que ainda se encontram facilmente as graciosas e azuladas peças da «Real Fabrica do Rato», as ingenuas inspiradas no Oriente, da «Bica do Sapato» ou as roxas e crepusculares decorações do «Juncal», ombreando com as ricas sugestões da faiança holandesa, persas e de Rouen, e os já procurados estilos Renascença e Barroco das fabricas italianas.

Distingue-se, sobretudo, a Fabrica Constancia no dedicado estudo do estilo século XVII, tão português, que deixa maravilhados os conhecedores de todos os países.

Ramiro Leão & C.

A importante Casa Ramiro Leão & C., da rua Garrett, expõe nas suas montras, entre outras coisas, o seguinte: camisas e cuecas para homem, manufactura em que são especialistas e em que figuram entre os primeiros fabricantes do país; lingerie de seda para senhora, com magnificos bordados á mão; edredons de seda feitos nos seus ateliers, artigos que se não faz melhor no país; cobertores de lã das melhores fabri-

cas nacionais; crepes da China, crepes satin, crepes Georgette, sultanas, toile de soie, diagonais, setins e brilhantinas para forros, tudo de fabrico português, artigos em que nos ultimos tempos se tem feito os maiores progressos; e roupas de linho para mesa com bordados á mão, de grande riqueza.

«A Pompadour»

«A Pompadour», o conhecido estabelecimento da rua Garrett, 28 e 30, tem na sua montra um elegante manequim — «Miss França 1930» — com uma cinta da marca «Pompadour», a mais moderna de todas e a que melhor se adapta aos ditames imperativos da elegancia de hoje.

Tanto em cintas, medicinais ou de fantasia, como em espartilhos, «A Pompadour» é, na verdade, quem faz a Moda, honrando a industria nacional.

«Marya»

De entre os artigos portugueses, merecem especial destaque os Productos de Beleza e os Perfumes da antiga e acreditada marca «Marya» (com i grego), de Aires de Carvalho, Lda, cuja fabrica apresenta esplendidos productos para completo tratamento de beleza e de hygiene.

Leitão & Irmão

Os antigos joalheiros da Corça, Leitão & Irmão, conhecidos em toda a Europa pelos seus admiráveis trabalhos de arte, apresentam-nos lindas montras, em que o povo de Lisboa pode admirar uma caravela magnifica, em prata, uma reprodução do Padrão das Descobertas, uma caixa com uma valiosa edição dos «Lusiadas», um fruteiro, tendo as insinias das três Ordens Militares portuguesas, um artistico «Livro de Horas», feito pelo falecido José Manuel de Carvalho, etc.

A casa Leitão & Irmão continua, justamente, a ser a preferida por toda a nossa sociedade elegante.

J. Francisco Pereira

O sr. J. Francisco Pereira é uma das pessoas que melhor conhecem o negocio de café e chá. E, assim, no seu estabelecimento da rua Garrett, 38, apresenta-nos magnifico chá dos Açores, delicioso café de Africa, além duma montra com productos da «Aliança», bolachas e chocolates, tudo de produção nacional.

Casa Havaneza

A Casa Havaneza, do Chiado, ponto de reunião de meia-Lisboa, é o estabelecimento que tem mais completo sortido de tabacos e de artigos para fumadores, sendo a unica depositaria do papel «Zig-Zag».

Resolveu a Havaneza colaborar brilhantemente na «Semana do Trabalho Nacional», apresentando-nos uma originalissima montra, em que são apenas expostos cigarros, charutos e picados das diversas e excelentes marcas da Companhia Portuguesa de Tabacos, desde o «francês» e o «superior», até ao moderno e apreciado «Tip-Top».

Chá Gorreana

O Chá Gorreana, de S. Miguel (Açores), fabricado pelo sr. Jaime Hintze, é um excelente producto que rivaliza perfeitamente com todos os chás estrangeiros, como o publico poderá ver pelas amostras distribuidas gratuitamente, durante a «Semana do Trabalho Nacional», na filial da Fabrica (Calçada de Santos, n.º 3).

O Chá Gorreana tem diversas qualidades, tanto em preto como em verde, e ganhou as medalhas de ouro nas

exposições de Sevilha e do Rio de Janeiro, havendo montras com o referido producto, tanto na Casa Lusitana, na Praça de Camões (à esquina da Rua do Mundo), como na Pastelaria Fernandes, na Rua do Ouro.

«Ao Ultimo Figurino»

«Ao Ultimo Figurino», a conceituada casa de vestidos e confecções da Rua Garrett (esquina da Calçada do Sacramento) que tem uma esplendida secção de plissados, e, no primeiro andar, magnificos «ateliers» para senhoras, dirigidos por uma distinta modista francesa, apresenta-nos uma interessante montra «portuguesa» com variados tipos de excelentes malas para senhoras e de meias n.º 13.

Tavares da Silva, Limitada

O armazem de viveres Tavares da Silva, Limitada (antiga casa José Afonso Viana & C.), da Praça Luiz de Camões, à esquina da Rua do Norte, teve uma ideia muito original, para a comemoração da «Semana do Trabalho Nacional».

Assim, na sua montra, pode admirar-se um grande mapa do país, sendo a parte respeitante a cada provincia ligada por fitas de seda a amostras dos seus principais productos, expostas com muito gosto e com muito sentido da conveniencia.

Eloy de Jesus

A joalharia e ourivesaria Eloy de Jesus, de A. Pereira & C., Lda, da Rua Garrett, apresenta-nos, na sua montra, lindos trabalhos da Antiga Casa Reis, do Porto, como um serviço e um candelabro D. João V e uma salva genero antigo.

Dizer que todos os seus trabalhos são da casa Reis é a melhor referencia que se lhe pode fazer.

Paris-Chiado

O «Paris-Chiado» é, como os leitores sabem, na Rua Garrett, 54. Vende excelentes malas, carteiras e outros artigos de novidade, «corbeilles» e ramos de noiva, e flores naturais cultivadas pelo conhecido florista Lopes.

Papelaria Camões

Como o seu nome indica, a Papelaria Camões fica na praça que tem o nome do glorioso épico, no numero 42.

Apresenta a «Papelaria Camões» — que tem um sortido completo de todos os artigos do seu genero — uma montra com artigos apenas nacionais, sobressaindo as tintas, as colas e os lacres, da casa A. Ferreira.

Vista Alegre

Porcelanas da Vista Alegre! Preciosas peças que rivalizam com as mais famosas porcelanas estrangeiras e que têm já hoje um justo renome mundial.

Na montra que a Vista Alegre nos apresentou na sua casa do Largo do Chiado, durante a «Semana do Trabalho Nacional», têm os lisboetas occasião de admirar além de preciosos pratos e chavenas, uma linda varina, um «Pierrot» e uma «Colombine», candelieiros e medalhões, todos dum recente e duma qualidade que nos fazem evocar estes nomes que são quasi só por si a historia das porcelanas: Sévres e Saxe.

Casa Anjos

Merece uma especial referencia a montra da antiga e conceituada casa João Anjos, da rua do Mundo, onde se podem admirar condecorações e emblemas de todas as especies, rivalizando perfeitamente com o melhor fabrico estrangeiro.

Fernando Silva
Advogado
Rua da Victoria, 42-2.º

ESTRANGEIRO

"MORRIS"
OS MELHORES CIGARROS

A questão da Índia vai ter uma solução?

LONDRES, 13.—No principio da reunião desta manhã, da comissão das minorias da conferência da Távola Redonda, a que preside Maedonald, foi negociado um importante acordo que remove um dos maiores obstáculos para solucionar as divergências existentes.

Este acordo, a que se chegou depois de longas negociações, recebeu a aprovação de todas as minorias com excepção dos sikhs, isto é, dos muçulmanos, classes oprimidas, cristãos indianos, anglo-indianos e europeus.

As condições do acordo que foram comunicadas a noite passada ao Primeiro Ministro estabelecem que na nova Constituição da Índia deverão ser incluídas salvaguardas para a protecção da religião, cultura, direito pessoal e promoção da educação, língua, instituições de caridade das comunidades das minorias e sua devida quota no auxilio dado pelo Estado e pelas corporações autonomistas.

No acordo está incluída a constituição de repartições em todos os governos para a protecção das comunidades das minorias.

Sobre a representação das classes nas legislaturas, o acordo propõe que as comunidades que presentemente têm nella representação terão eleitorados separados e que as minorias terão uma proporção dos mandatos e que nenhuma maioria será reduzida a minoria ou mesmo igualada.

Estabelece-se que passados dez anos as comunidades poderão aceitar eleitorados conjuntos.

Os «hindus» e os «sikhs» não concordaram com estas propostas, mas foi estabelecida a representação reclamada pelos «sikhs» no governo central.

As reclamações especiais dos muçulmanos são resolvidas pela proposta de que a província da fronteira noroeste e Sind constituiriam governos da província em igualdade de circunstâncias com as outras províncias.

A representação muçulmana na legislatura central será de um terço do numero total de mandatos.

No acordo figura também uma clausula satisfazendo as reclamações especiais das classes oprimidas e da comunidade anglo-indiana.

O acordo satisfaz assim as reclamações de mais 115 milhões de habitantes ou seja cerca de 46 por cento da população da Índia. — (Havas).

BOLSA DE LISBOA

13 de Novembro
CONTADO

VALORES	Rec. var.	Compra	Venda
P. Int. 5 1/2 0/0 1923 O.	934\$00	934\$00	935\$00
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	98\$00	979\$00	980\$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	—	973\$00	990\$00
P. Ext. 3 0/0 3.ª série...	1.028\$00	1.027\$00	1.030\$00
Banco Com. de Lisboa	—	—	350\$00
Banco Lisboa & Açores	235\$00	230\$00	240\$00
Banco N. Ultramarino	38\$00	34\$00	40\$00
Banco de Portugal	795\$00	790\$00	795\$00
Banco Port. e Brasileiro	—	—	2\$00
C. O. F. de Benguela	1.050\$00	1.055\$00	—
C. O. F. N. L. 3 0/0 2.ª g.	31\$50	30\$50	32\$00
C. das Águas de Lisboa	171\$00	170\$00	175\$00
C. Gaz e Electric. cou.	—	10\$50	111\$00
Soc. Industrial Alliança	173\$00	172\$00	174\$00
C. Portugal e Colonias	75\$50	75\$00	75\$50
C. Nac. de Navegação	114\$00	114\$00	115\$00
C. Tabacos de Portug.	225\$00	220\$00	230\$00
C. Portug. de Tabacos	168\$50	168\$00	171\$00
The Match Tobacco T.	—	—	—
S. C.º	5\$5.	5\$00	5\$50
A. Tabagueria	—	455\$00	465\$00
J.º Amboim	—	21\$00	22\$00
C.º Col. Buz. 1.ª emissão	—	36\$50	39\$00
C.º Col. Buz. 2.ª emissão	—	33\$00	—
C.º de Seguros Sagres	—	700\$00	800\$00
C.º de Seguros Mundial	—	186\$00	195\$00
C.º Unia do Principe	—	175\$00	180\$00

CAMBIO

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres ...	108\$30	110\$20
Paris ...	181\$35	181\$
Madrid ...	2\$52	2\$57
New-York ...	28\$85	29\$51
Zurich ...	5\$65	5\$76,5
Roma ...	1\$49	1\$53
Bruxelas ...	4\$04	4\$11,5
Amsterdão ...	11\$66,5	11\$91
Berlim ...	6\$84	7\$00
Praga ...	8\$5,5	8\$7,5
Rio de Janeiro ...	1\$80	1\$93

QUEM FOI O PRIMEIRO alfaiate de senhoras que contratou manequins

PARIS, Novembro. — Um jovem advogado inglês contribuiu, talvez mais do que todos os outros criadores da moderna industria da moda, para que a "moda parisiense", se tenha convertido numa ideia viva e Paris goze ha muitos decenios dum posto de dominio em questões de moda. Charles Frederick Worth nasceu em Bourne, Inglaterra, em 1825. Filho dum advogado, seguiu a profissão do pai. Terminados os estudos, seu pai collocou-o num escritorio de advogado em Londres, porém o jovem Worth illustrava a margem das actas com desenhos de vestidos e decorações, até que se lhe fez compreender delicadamente que devia procurar outra colocação.

O jovem letrado collocou-se então como empregado na casa comercial Swan & Edgar, que se tornou entretanto uma das mais importantes de Londres. Ali pôde entregar-se á satisfação das suas inclinações e teria ficado inteiramente satisfeito, se não fossem as censuras que lhe foram feitas pelas suas criações ultramodernas. Um belo dia, convencido de que era demasiado modernista para a Inglaterra, foi para Paris.

Com uma libra na algibeira, alugou uma modesta casa numas aguas furtadas na rua da Paz. Já com os seus primeiros vestidos, embora simples, teve um grande exito. Ele não trabalhava genericamente para a mulher, mas estudava detidamente as suas clientes ideando depois os modelos individualmente com tal habilidade, que faziam realçar as melhores qualidades de cada pessoa. Depressa o seu nome adquiriu fama; e a breve trecho conseguiu contar entre as suas clientes a imperatriz Eugénia. Uma unica vez houve divergencia de opinião entre a soberana e o costureiro: a discussão provinha da crinolina, que Worth qualificava de monstruosa. Worth perdeu, e não pôde suportar o triunfo da crinolina. Worth conservou a sua nota exclusiva e caracteristica, e com o decurso do tempo foi feito fornecedor da imperatriz da Austria e da rainha da Italia.

Charles Frederick foi o primeiro alfaiate de senhoras que contratou manequins, em vez de trabalhar com bonecas inanimadas. A inovação teve um exito estrondoso; os vestidos collocavam-se admiravelmente, como succedia com as manequins, a ponto de Worth ter de lutar contra uma enorme concorrência masculina quando pensou em pedir a mão da sua primeira manequim.

"O avô contou-nos muitas curiosidades da guerra de setenta", declarou Jean Charles Worth, chefe actual da casa, a um representante da United Press. O velho Worth tinha confeccionado, para uma americana, Mrs. Franklin, um agasalho de noite, servindo-se dum chaile indio, e enviou-o para Nova York. Mas a americana não o sabia compôr por si só e veio á Europa expressamente para que Worth pessoalmente lhe ensinasse a forma como devia usar o chaile. Quando a nossa americana chegou a Paris, encontrava-se a capital occupada pelos alemães. Worth tinha-se escapado a tempo e quando Mrs. Franklin soube disso, não descansou enquanto não conseguiu encontra-lo, tendo para esse fim percorrido quasi toda a Europa, até que por fim conseguiu que Worth lhe explicasse o emprego do exotico agasalho. — (United Press).

A cavalaria chinesa ataca as posições japonesas

TOQUIO, 13.—Segundo informa o jornal «Nitchinichi», o consulado japonês em Tetsikar está cercado; encontrando-se prisioneiro o consul, assim como o pessoal do consulado.

O referido jornal assinala que a cavalaria chinesa atacou as posições japonesas em Tetsikar, não havendo contudo ainda qualquer confirmação official. — (Havas)

GENEVA, 13.—A nota japonesa expõe a actividade dos bandidos, dizendo que o bandidismo constituiu sempre o flagelo da Manchúria e que os desertores causam numerosos prejuizos, pilhando e massacrando os residentes estrangeiros e os habitantes chineses. — (Havas)

WASHINGTON, 13.—O sr. Castle, subsecretario dos Estrangeiros, annunciou que vai ser apresentado na proxima reunião do Conselho da Sociedade das Nações em Paris um projecto de compromisso para solução do conflito sino-japonês. — (Havas)

TIENTSIN, 13.—Ainda não se confirmou oficialmente a noticia da partida do jovem ex-imperador da China, mas diz-se nos meios autorizados que de facto ele saiu desta cidade com destino desconhecido. — (Havas)

TOQUIO, 13.—As autoridades militares deram instruções para a remessa de aviões para a Manchúria, a fim de substituir os que têm sido destruídos. — (Havas)

O trabalho nas minas do Ruhr

BERLIM, 13.—A associação dos proprietários das minas do Ruhr denunciou todos os contratos de trabalho a partir de 30 deste mês. Esta deliberação só entrará em vigor, se for concluído até ao fim do mês um acordo para a applicação do programa económico do governo. Os patrões reservam-se o direito de fixar novos salarios a partir de Dezembro. — (Havas)

Os rebeldes da ilha de Chipre

GIBRALTAR, 13.—Chegaram esta manhã, procedentes de Malta, três bispos cipriotas que serão aqui alojados. — (Havas)

A POMPADOUR
ESPARTILHOS E CINTAS
MODELOS DE GRANDE NOVIDADE E ALTA FANTASIA
CINTAS MEDICINAIS
MEDIDAS TIRADAS NOS HOSPITAIS E CASAS DE SAUDE
RUA GARRETT, 28-30 — LISBOA — Telefone 22627

Papelaria Camões — Telef. 2 3053 —
AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, LTD.
42, Praça Luiz de Camões, 43 — LISBOA
GRANDE VARIEDADE EM OBJECTOS PARA ESCRITORIO, LIVROS PARA ESCRITORIO E ESCOLARES, ESTOJOS PARA DESENHO, PAPEIS PARA FLORES E MUITOS OUTROS ARTIGOS — GRANDE SORTIMENTO EM OBJECTOS PARA PINTURA A OLEO E AGUARELA
TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO
Secção de Tipografia — Pautação e Encadernação

TELEFONE 2. 2657
ARMAZEM DE VIVERES
TAVARES DA SILVA, L. DA
Antiga Casa JOSE AFFONSO VIANNA & C.^a
33, P. Luiz de Camões, 35 (esquina da R. do Norte) LISBOA

Secção de plissados **Modas** Vestidos e confecções
MODISTA FRANCESA
AO ULTIMO FIGURINO
ANTONIO GONÇALVES MARQUES
20 — RUA GARRETT — 24 (esquina da Calçada do Sacramento, 1 a 9) — LISBOA — Telefone 2 5409
Malas para senhoras. Meias nacionais n.º 13

MARYA
com i grêgo

Pianos — Reparações

7 — Travessa do Monte — 7
João A. P. Sampaio

Casa especializada em reparações de pianos.

Dirigir-se exclusivamente á Trav. do Monte, 7

POLICLINICA DO ROCIO
D. João da Camara, 13 (ao Rocio) — Telef. 2 0560.

DR. A. PINA JUNIOR — Clinica geral e das crianças — 14 h.
DR. REGO CORDEIRO — Rins e vias urinares — A's 11 h.
DR. CANCELA DE ABREU — Medicina geral, doenças nervosas — 17 h.
DR. CORDEIRO BLANCO — Doenças dos olhos — 11,30.
DR. F. MARTINS PEREIRA — Medicina geral, coração e pulmões — 15,30 h.
DR. OLIVEIRA MARTINS — Doenças das senhoras-gravidez, ás 15.
DR. JOSE PAREDES — Cirurgia geral, operações — 16 horas.
DR. CORDEIRO LOBATO — Garganta, nariz e ouvidos — 14 h.
DR. JORGE FALCÃO — Pele e sífilis — 15 h.
DR. GENTIL BRANCO — Raios X.
DR. GONÇALVES VITERBO — Doenças de boca e dentes, ás 11 e ás 17 h.
DR. REIS VALLE — Analyses clinicas. Diathermia, ultra-violeta, infra-vermelhos, galvanisação, maçagem e gymnastica medica.

Emmoldure

o seu resto n'um chapéu signé Pedrosa, porque são os únicos que têm arte e distinção.

SALAO AUREO
Rua do Ouro, 248

ULTIMAS NOTICIAS**PRODUTOS REFRACTARIOS**

das fabricas da
Comp.^a das Fabricas Ceramica
Lusitania
Lisboa Porto Coimbra
R. Arco Cego, 28 R. Almada, 245 Loreto

UM LAMENTAVEL INCIDENTE

EM RESPOSTA

a uma piedosa versão
do jornal "A Voz"

(Continuação da 6.ª página)

tar contas». Esse jornalista, que não é um covarde, que nunca falseou a verdade, que todos os seus camaradas prezam pelas suas nobres qualidades de carácter, que não escreveu durante a reportagem do julgamento uma palavra que pudesse ter melindrado o defensor do «chauffeur» Gouveia, acode ao chamamento.

«A Voz» diz «que a maneira mesmo como este ultimo contendor (o nosso camarada) se apresentou a enfrentar o seu adversario, foi demonstração frisante de que muito bem sabia para o que ia e para o que fora chamado telefonicamente».

Ora, «cebolorio...» — como se diz lá em casa. O que quer dizer «A Voz», com a sua tortuosa explicação? Como é que o nosso camarada se apresentou a enfrentar o adversario? Com um sorriso nos labios, afirmam as pessoas que assistiram ao conflito.

Mas «A Voz» acrescenta, no proposito evangelico de defender o que não tem defesa, procurando justificar — e intitula-se um jornal de ordem — o facto do sr. Campos Coelho andar com uma pistola na algibeira e ter puxado por ela para se defender duma agressão imaginaria:

«Outro ponto a requerer esclarecimento, é o caso da pistola. Tem facil explicação o facto do sr. dr. Campos Coelho andar precavido com uma arma, se se atender a que, desde o inicio do ultimo ruidoso processo em que interveio de forma tão activa como brilhante, as mais graves ameaças lhe têm sido feitas. Quanto ao dizer-se que ele pretendeu fazer uso da arma durante o conflito, a verdade fica reposta no seu devido lugar, afirmando-se precisamente o contrario.

Isto é: o sr. dr. Campos Coelho, na iminencia de ter que deffrontar-se com mais de um adversario e receoso de que num momento de exaltação maior não pudesse conservar a serenidade necessaria em casos tais, desfez-se da pistola, entregando-a a alguém que estava a seu lado».

«A Voz» está mal informada ou pretende visivelmente contrariar e torcer a verdade dos factos. O sr. Campos Coelho, embora não tivesse feito uso da pistola durante a primeira fase do conflito, como fomos os primeiros a declarar, puxou por ela, em attitude ameaçadora, «no proprio edificio do Tribunal da Boa Hora» — quando voltou a agredir o nosso camarada, e mais tarde ao sair da papelaria Emilio Braga, onde o nosso camarada da «República» Regueira Santos lhe tirou a pistola da mão, com recato de que o aludido advogado comotese uma imprudencia maior do que a asneira que já tinha feito. O sr. Campos Coelho continuava, no meio duma grande exaltação, a proferir improperios e ameaças improprias duma pessoa que veste uma toga no cumprimento duma nobre missão!

E' esta a attitude que «A Voz» defende, no evangelico proposito de a esclarecer! Talvez a Ordem dos Advogados não pense da mesma maneira...

Um grande ciclone

que causou 200 mortos

NOVA YORK, 13 — Os jornais publicam um telegrama das Honduras dizendo que um ciclone destruiu totalmente a cidade de Masica. Parece que o numero de mortos se eleva a 200. — (Americana).

Uma revolta no Equador

GUAYAQUIL, 13 — O Congresso investiu o Presidente Moreno de poderes extraordinarios para reprimir a revolução que estalou. Os revolucionarios apoderaram-se das cidades de Santa Rosa e Pasaje Zaruma na provincia do Oro. — (Havas)

O MOMENTO POLITICO ESPANHOL

Não existe o perigo

que se tem apregoado
duma revolução sindicalista

(Do nosso correspondente particular)

MADRID, novembro. — Afastada temporariamente a execução da reforma do funcionalismo publico, o governo Azana navega em perfeita calma, num verdadeiro mar de leite.

A ascensão de Azana á presidencia do ministerio trouxe ao espirito de muitos alvoroçadas esperanças dum labor intrinsecamente esquerdista.

Ao contacto das realidades, porém, as coisas não se passaram inteiramente como eles desejavam. Ha quem suponha que o chefe da Acção Republicana, que no ministerio da Guerra conquistou gerais aplausos, saneando o Exército, medida que aliás estava no espirito da Nação, não possui a envergadura necessaria para enfrentar os multiplos problemas que neste momento assestava a Espanha. Nesta crise geral das Democracias, que seria estulticia negar, o sr. Azana tem feito o que era possivel fazer — trabalhar pela consolidação do regime.

Nesse ponto a justiça obriga-nos a dizer que a sua orientação tem sido equanime. Por isso, a afirmação, posta a correr pelos inimigos da Republica, da iminencia duma revolução comunista libertaria, não passa dum boato alarmante. Os nucleos proletarios encontram-se divididos em tendencias rivais, que se degladiam com trulencia incompreensivel.

A Confederação Geral do Trabalho, enfraquecida pelo constante fracasso das greves que suscita sem finalidade nem razão, não está em condições de provocar uma batalha social. Os seus dirigentes, na sua maioria anarquistas, travam uma luta desesperada com os elementos puramente sindicais, que pretendem derribá-los do pedestal que actualmente ocupam.

Os comunistas ortodoxos, cuja tática e programa constituem um motivo de atracção para as massas e um perigo para a sociedade burguesa, encontram-se num periodo de organização. As suas forças vão-se desenvolvendo rapidamente, mas no quadro geral da politica espanhola não passam ainda dum pequeno nucleo aglutinante.

Os comunistas ortodoxos, cuja tática e programa constituem um motivo de atracção para as massas e um perigo para a sociedade burguesa, encontram-se num periodo de organização. As suas forças vão-se desenvolvendo rapidamente, mas no quadro geral da politica espanhola não passam ainda dum pequeno nucleo aglutinante.

O interessante era saber que razões levaram o Banco de Portugal a depreciar o valor real do escudo, com a agravante de faltar a obrigações que voluntariamente assumiu. — Um leitor».

Politica espanhola

MADRID, 13, ás 17 horas. (Pelo telefone). — Efectuou-se hoje um Conselho de Ministros, que resolveu proibir os comicios pró-revisão da Constituição, por constituirem uma campanha anti-republicana. — (United Press).

Maxim's
HOJE - Estrela da tonadillera
ELISA CEPERIE

A PAZ EM PERIGO

OS CHINESES

estão-se preparando
para uma batalha definitiva

MUKDEN, 13. — O Quartel-General japonês informa que a situação se agravou, em face de incursões chinesas que ameaçam interceptar as comunicações.

Foi também interceptado um «radio» do comandante das forças chinesas que fizeram as referidas incursões, para o general Chang-Shue-Liang, anunciando-lhe o proposito de lhe dar batalha definitiva.

Os japoneses preparam reforços para a hipotese destes serem necessários. — (United Press).

NANQUIM, 13. — O governo de Nanquim dirigiu-se ao sr. Briand, apoiando a sua nota e os seus desejos de enviar observadores neutrais para os locais onde se tem desenrolado o conflito sino-japonês.

Os chineses prometem fazer o possivel para não agravar a situação e reforçam os seus protestos contra a attitude dos japoneses.

O general Ma-Tchan-Chan repele, em termos indignados, as acusações de ter a China pedido auxilio á Russia, protestando também contra os vexames que os estrangeiros dos varios países sofrem, ao entrarem e saírem do Japão. — (United Press).

TOQUIO, 13. — Começou a batalha ao norte do rio Nonni. Os observadores estrangeiros reputam a situação grave. Forças de cavalaria chinesa atacaram e aprisionaram uma patrulha japonesa, causando uma morte. — (United Press).

TOQUIO, 13. — O governo japonês convidou as outras nações a enviarem delegados seus á Manchuria, a fim de conhecerem bem os aspectos do problema sino-japonês e ordenou aos seus generais que se limitem a repelir os ataques dos chineses, informando ainda o Conselho da Liga de que a China tem procedido a concentrações de forças dez vezes superiores ás japonesas.

A nota japonesa acaba por aceitar a proposta de Briand e a vinda de observadores dos Estados representados na Liga das Nações. — (United Press).

TOQUIO, 13. — Do combate entre a cavalaria chinesa e a patrulha japonesa que foi aprisionada perto de Mukden, resultaram 24 feridos. O combate durou 3 horas, sendo os japoneses quem mais baixas sofreu. — (United Press).

A eleição do general Justo

para a presidencia da Argentina
BUENOS AIRES, 13 — Realizou-se uma grande manifestação de simpatia ao general Justo, cuja eleição para a presidencia da Republica parece assegurada. Aquele candidato pronunciou um discurso, repetindo que a sua divisa será: Trabalho, ordem e liberdade. — (Americana).

Abusos de confiança

Têm apparecido ultimamente, na Polícia, varias queixas contra Manuel Martins Gama, residente na rua dos Bacalhoados, 38, por ter praticado alguns abusos de confiança. O citado individuo é activamente procurado pela policia.

Um pedido de captura

O juiz da comarca do Cartaxo pediu á P. I. C. a captura de Roberto Perez, que também usa o nome de Antonio José Santos, o qual foi condenado naquela comarca, á revalida, em nove anos de cadeia.

Prisão de três gatinhos

Encontram-se num dos calabouços do Tórel, João de Azevedo, Ventura Mira e Domingos Ventura, acusados de terem furtado varios objectos e roupas, no predio onde davam trabalhando, á rua Braancamp, 37, 1.º. O furto foi-lhes apreendido, tendo os gatinhos confessado o roubo.

Esmolas

Para os pobres protegidos pelo «Diário de Lisboa» recebemos de L. M. o donativo de 20\$00, que muito agradecemos em nome dos contemplados.